

RELATÓRIOS OBERCOM **FEVEREIRO 2017**



Jornalistas e Condições Laborais:

Retrato de uma Profissão em Transformação

PARCEIROS:

CIES-IUL

Sindicato dos Jornalistas

Comissão da Carteira Profissional de Jornalista

Índice

Sumário Executivo	6
Perfil sociodemográfico dos jornalistas	8
Trajectoria e Carreira Profissional	13
Práticas jornalísticas	14
Condições laborais	18
Perceções e cenários futuros do jornalismo	33
Ficha Técnica	44

Índice de Figuras

Figura 1 – Género e distribuição etária	8
Figura 2 – Estado civil	8
Figura 3 – Número de filhos.....	9
Figura 4 – Habilitações académicas	9
Figura 5 – Área de formação.....	10
Figura 6 – Inquiridos que estudam atualmente	10
Figura 7 – Formação complementar nos últimos cinco anos	11
Figura 8 – Instituição de formação	11
Figura 9 – Região de trabalho (NUTS II).....	12
Figura 10 – Principal local de trabalho	12
Figura 11 – Condição face ao trabalho.....	13
Figura 12 – Tipo de vínculo contratual.....	13
Figura 13 – Idade com que entrou na profissão	13
Figura 14 – Anos de exercício da profissão	14
Figura 15 – Remuneração mensal média líquida.....	14
Figura 16 – Número de trabalhos realizados nos últimos 3 meses	15
Figura 17 – Categoria profissional	15
Figura 18 – Meios de comunicação em que trabalha.....	16
Figura 19 – Título profissional de jornalista	16
Figura 20 – Principal área em que trabalha	17
Figura 21 – Secções em que trabalha	17
Figura 22 – Tipo de conteúdos que produz com maior frequência	18
Figura 23 – Horas por semana que estão previstas no seu contrato de trabalho.....	18
Figura 24 - Horas que dedica por semana à sua atividade profissional como jornalista	19
Figura 25 - Remuneração das horas que trabalha a mais.....	19
Figura 26 - Presta serviço (formal ou informal) em mais do que um órgão de comunicação social do grupo	20
Figura 27 - Recebe pelo serviço para outro órgão do mesmo grupo	20
Figura 28 - Anos em que não progride na carreira.....	21
Figura 29 – Nível de satisfação	21
Figura 30 - Número de estágios realizados ao longo da carreira	22
Figura 31 - Duração do(s) estágio(s).....	22

Figura 32 - Balanço do estágio.....	23
Figura 33 - Exercício de outra atividade remunerada atualmente	23
Figura 34 - Atividade remunerada para além do jornalismo	24
Figura 35 - Interrupção da atividade jornalística.....	24
Figura 36 - Atividade exercida depois do abandono do jornalismo	25
Figura 37 - Ponderou o abandono da profissão	25
Figura 38 - Razões para ter ponderado o abandono do jornalismo	26
Figura 39 - Desempregado enquanto jornalista	26
Figura 40 - Duração do período de desemprego.....	27
Figura 41 - Possibilidade de ficar desempregado	27
Figura 42 - Possibilidade de arranjar novo trabalho no jornalismo	28
Figura 43 - Órgãos existentes na empresa em que trabalha.....	28
Figura 44 - Sindicalizado no Sindicato dos Jornalistas	29
Figura 45 - Razões para não ser sindicalizado	29
Figura 46 - Descontos para a Segurança Social	30
Figura 47 - Autonomia profissional	30
Figura 48 - Condicionamentos ao exercício profissional.....	31
Figura 49 - Avaliação relativamente ao setor dos media	31
Figura 50 - Nível de satisfação com a profissão de jornalista.....	32
Figura 52 - Voltava a iniciar a sua carreira como jornalista	32
Figura 51 – Conciliação entre a vida profissional e pessoal.....	33
Figura 53 - A pressão para produzir mais peças jornalísticas vai aumentar no futuro	33
Figura 54 - Os jornalistas nunca estarão completamente desligados do trabalho, mas sempre a trabalhar	34
Figura 55 - No futuro o jornalismo será uma atividade mais satisfatória e compensadora em termos pessoais	34
Figura 56 - Os jornalistas terão, no futuro, menor independência e autonomia do que tiveram no passado	35
Figura 57 - Os jornalistas terão de criar a sua marca pessoal através das redes sociais, blogues, eventos publicitários	35
Figura 58 - No futuro, o jornalismo será uma atividade mais stressante do que qualquer outra profissão liberal	36
Figura 59 - Os jornalistas vão tornar-se cada vez mais empreendedores no futuro, criando as suas próprias empresas	36
Figura 60 - Haverá cada vez mais jornalistas a trabalhar para organizações de media com fins não-lucrativos	37
Figura 61 - No futuro, os jornalistas não irão trabalhar para uma única organização de media ao longo de toda a sua vida profissional.....	37

Figura 62 - A remuneração e as regalias irão diminuir para a maioria dos jornalistas.....	38
Figura 63 - No futuro, o trabalho como jornalista será cada vez mais precário e incerto	38
Figura 64 - No futuro, o jornalismo será exercido em <i>part-time</i> , por pessoas que se sustentam com rendimentos de outro tipo de trabalhos.....	39
Figura 65 - O jornalismo é a aplicação de um conjunto de práticas e técnicas fundamentais, que não dependem do meio de publicação	39
Figura 66 - O jornalista precisa de trabalhar em equipa com outros jornalistas para desenvolver o seu trabalho e manter a qualidade.....	40
Figura 67 - O jornalista deve estar ligado a uma associação profissional que represente os interesses do jornalismo e dos jornalistas	40
Figura 68 - Pessoas que fotografam, filmam ou escrevem sobre acontecimentos, nas redes sociais ou blogues, agem como jornalistas.....	41
Figura 69 - Apenas as pessoas que trabalham para empresas de media reconhecidas são realmente jornalistas	41
Figura 70 - Qualquer pessoa que aplique as práticas, técnicas e saberes do jornalismo deve ser considerada jornalista	42
Figura 71 - O jornalismo é uma profissão que deve exigir formação e experiência, mas não educação superior específica em jornalismo.....	42
Figura 72 - O jornalismo é uma atividade baseada num corpo teórico e comportamento profissional que exige formação universitária específica	43

Sumário Executivo

Natureza do Estudo: Este relatório resulta de uma análise realizada pelo Obercom - Observatório da Comunicação, aos dados obtidos no âmbito do estudo "O Jornalistas Portugueses são Bem Pagos? Inquérito às Condições Laborais dos Jornalistas em Portugal", desenvolvido pelo Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES-IUL) do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e pelo Sindicato dos Jornalistas (SJ), com o apoio da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista (CCPJ). Este estudo assenta numa amostra não-probabilística, constituída por um total de 1494 inquiridos (validados). A aplicação do questionário (de auto-preenchimento) foi feita através da plataforma *online Qualtrics*, entre 1 de maio e 13 de junho de 2016. O guião do questionário tem no total 78 questões.

O presente estudo surge na esteira de uma já longa tradição de estudos acerca dos jornalistas em Portugal, desenvolvida ao longo das últimas três décadas no CIES-IUL. O primeiro estudo aprofundado ("Elementos para uma Sociologia dos Jornalistas Portugueses"), sobre a condição de jornalista, foi desenvolvido por José Manuel Paquete de Oliveira¹ em 1987, sucedendo-lhe um vasto conjunto de estudos dos quais se podem destacar "Jornalista português, O que é?: inquérito e perfil socioprofissional" (1994), da autoria de José Luís Garcia e José Manuel Paquete de Oliveira². Mais recentemente, José Rebelo³ coordenou o estudo, publicado em 2011, "Ser Jornalista em Portugal: Perfis Sociológicos".

Objetivos do Estudo: O propósito deste inquérito é **a)** analisar as condições laborais dos jornalistas portugueses; **b)** conhecer a diversidade de percursos e perfis jornalísticos; **c)** identificar os principais constrangimentos e desafios que se colocam ao exercício da profissão; **d)** discernir o nível de satisfação profissional; **e)** compreender as práticas quotidianas; **f)** captar as representações da condição de jornalista; **g)** conhecer os desafios do jornalismo; **h)** apreender as representações da condição de jornalista no futuro.

Abordagem do Estudo: O presente documento resulta de uma análise descritiva dos dados do inquérito, tendo horizontes primordialmente expositivos da informação recolhida.

O atual exercício analítico abordará em primeiro lugar os dados sociodemográficos relativos aos inquiridos. Nestes, são incluídos o género, idade ou região de trabalho, entre outros. Na secção seguinte será ainda abordada "trajetória e carreira profissional", que permitirá compreender como se processa o acesso à profissão, entre outros aspetos. Na terceira secção far-se-á a exposição e análise das práticas jornalísticas quotidianas, como por exemplo o número de trabalhos produzidos. No fundo, pretende-se explorar o "ser jornalista" quotidianamente. Numa quarta secção abordar-se-ão as condições laborais dos jornalistas inquiridos. As dificuldades, os obstáculos e os desafios ao pleno exercício da atividade profissional. Finalmente, far-se-á a apresentação da última bateria de questões, que têm como objetivo primordial captar as representações do atual estado e condição do jornalismo e sobretudo perceber como os atuais profissionais percebem o jornalismo no futuro.

Foco do Estudo: Os dados a seguir apresentados não pretendem esgotar a abordagem da realidade da condição jornalística em Portugal. O foco do inquérito que dá suporte empírico à presente análise tem como fundamental horizonte a criação de um retrato das condições laborais dos jornalistas. De acordo com a Comissão da Carteira Profissional de Jornalista (CCPJ) cifram-se em 6114 os detentores de Carteira Profissional ou título equivalente.⁴ Deste modo estamos perante uma amostra que tem um peso relativo de 24,4% do universo total.

¹ Oliveira, José M. Paquete (1988) "Elementos para uma Sociologia dos Jornalistas Portugueses", *Revista de Comunicação Linguagem*, 8: 47-53.

² Oliveira, José M. Paquete (Eds.) (1994), *Jornalista Português, o que é? Inquérito e Perfil Socio-Profissional*. Lisboa: Sindicato dos Jornalistas.

³ Rebelo, José (coord.), et al (2011), *Ser Jornalista em Portugal. Perfis Sociológicos*, Lisboa, Gradiva.

⁴ Números cedidos e atualizados pela própria CCPJ em Janeiro de 2017.

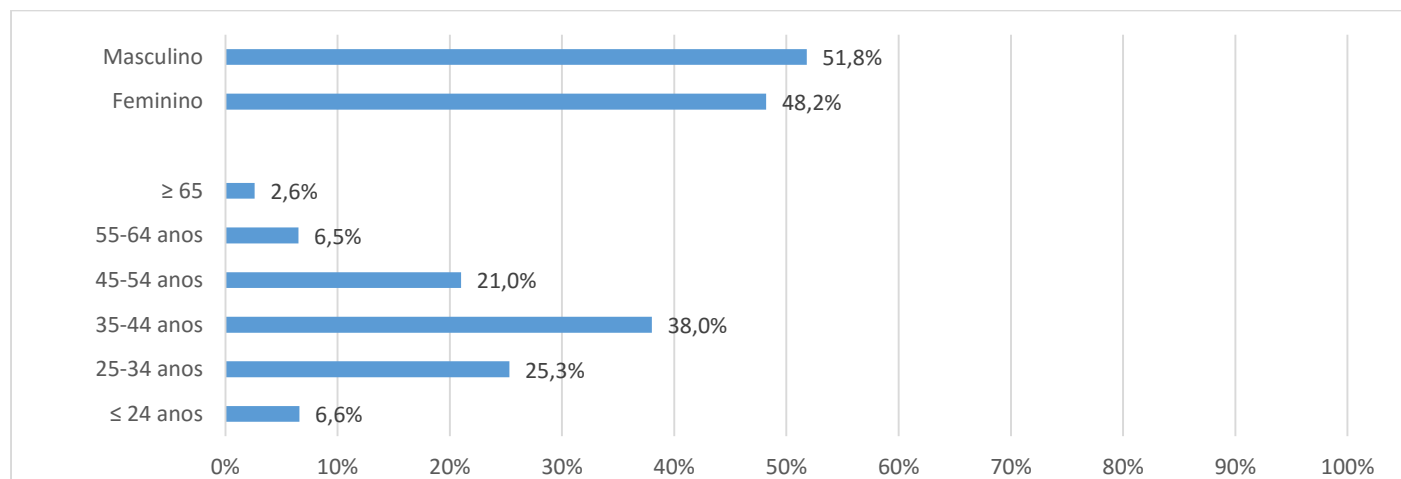
Síntese dos principais resultados a reter:

- 1º** A distribuição por sexo é relativamente equilibrada. O grupo etário com maior proporção é o que compreende os jornalistas inquiridos dos 35-44 anos. A idade média cifra-se nos 40 anos;
- 2º** Dois terços dos jornalistas inquiridos têm formação superior em Ciências da Comunicação ou Jornalismo;
- 3º** O rendimento médio mensal cifra-se nos 1113 euros;
- 4º** 81,9% afirma não lhe serem pagas horas extraordinárias;
- 5º** 57,8% não progride na Carreira Profissional há pelo menos sete anos;
- 6º** O designado jornalismo *online/site* é o meio de comunicação secundário que regista maior proporção de inquiridos;
- 7º** Os inquiridos (48,8% dizem-se extremamente insatisfeitos) em termos gerais sentem-se insatisfeitos com a evolução das condições de trabalho no setor nos últimos cinco anos;
- 8º** Aproximadamente dois terços (69,2%) dos jornalistas entrevistados referem ter feito pelo menos um estágio. Nesta linha, 30,4% mencionam que o seu estágio teve um período superior a dez meses. A maioria (59,2%) diz não ter sido avaliado por um orientador ou editor;
- 9º** 64,2% assume que já ponderou o abandono do jornalismo. Entre as razões encontram-se o baixo rendimento, degradação da profissão ou condições de trabalho, precariedade contratual e ainda *stress*;
- 10º** Quase 40% (39,2%) afirma já ter estado desempregado ao longo do seu percurso profissional de jornalista;
- 11º** Existe uma maioria de jornalistas inquiridos que pensa ser provável ficar desempregado (40,9%) e que ficando nestas condições dificilmente conseguiria ter nova oportunidade num meio de comunicação social (67%);
- 12º** Existe um sentimento de autonomia entre a maioria dos entrevistados nos seguintes aspetos: apresentação de propostas de trabalho, seleção de informação, pressões das fontes e pressões oriundas do poder político ou outros;
- 13º** Quase 40% dos inquiridos não voltava a optar pelo Jornalismo se essa possibilidade lhe fosse dada atualmente;
- 14º** 46% afirma ser difícil conciliar a vida pessoal com a vida profissional;
- 15º** Só 29,6% afirmam trabalhar um número de horas similar ao previsto no contrato de trabalho;
- 16º** No futuro os jornalistas não conseguirão desligar completamente das responsabilidades profissionais e terão menos retribuição/ satisfação profissional;
- 17º** Na perspetiva dos inquiridos a autonomia profissional no futuro aumentará;
- 18º** O *stress* é identificado como um dos principais problemas relacionados com a profissão de jornalista na atualidade e sobretudo em uma perspetiva de futuro;
- 19º** Em vários indicadores dos cenários de futuro (última secção) é visível para os jornalistas inquiridos a visão de que a profissão tende a um processo de *individualização* e, com ele, novas oportunidades, como a criação da sua própria marca, maior autonomia, ou trabalhar para instituições sem fins lucrativos. Por outro lado, está um cenário laboral mais stressante, sem horários definidos, mais dependente da iniciativa e pró-atividade do próprio jornalista;
- 20º** Num último conjunto de questões é latente, alguma tentativa fechamento por parte dos profissionais inquiridos, ao reivindicarem o jornalismo como um corpo de conhecimento de práticas exclusivas para a qual é necessária certificação, experiência e formação adequada, mas não necessariamente educação superior.

Perfil sociodemográfico dos jornalistas

A análise percorrerá as setenta e oito questões que compuseram o guião do questionário, mas nem sempre seguindo a ordem pela qual as questões foram apresentadas. Neste sentido, a Figura 1 apresenta, de forma ilustrada, a distribuição dos inquiridos em termos de género. Regista-se um equilíbrio, com 51,8% e 48,2%, respetivamente, de homens e mulheres. Por outro lado, em termos etários o grupo etário modal é aquele que compreende os inquiridos que declaram ter entre 35 a 44 anos de idade, sendo que a idade média se cifra próxima dos 40 anos.

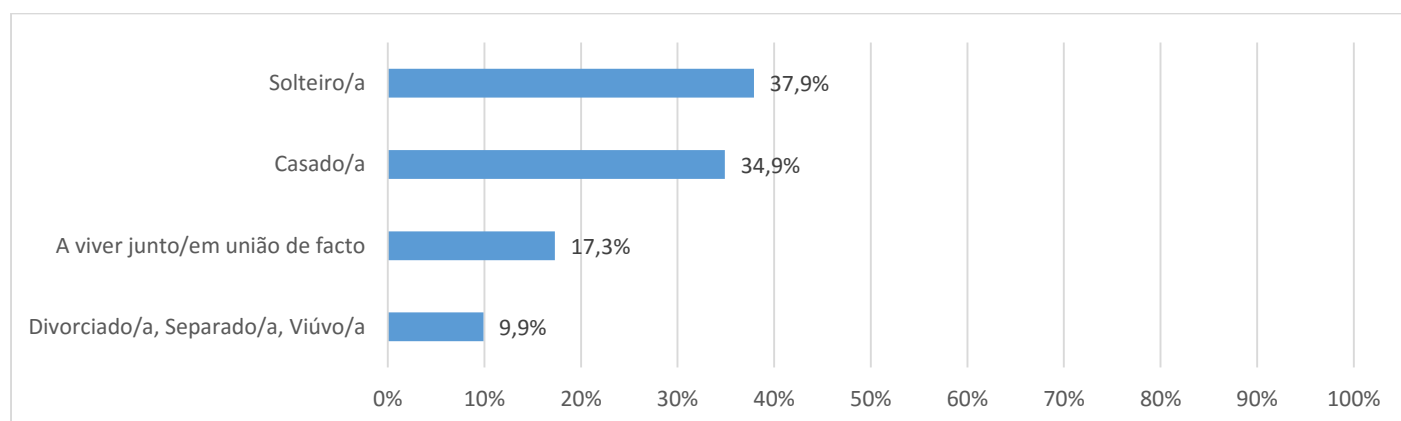
Figura 1 – Género e distribuição etária



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016. (Género n= 1491; Idade n=1455). Edição: OberCom.

Na Figura 2 pouco mais de metade (52,2%) dos jornalistas inquiridos referem viver no seio de uma relação, seja casamento (34,9%) ou união de facto (17,3%). São pouco mais de 1/3 (37,9%) aqueles que afirmam viver na condição de solteiro.

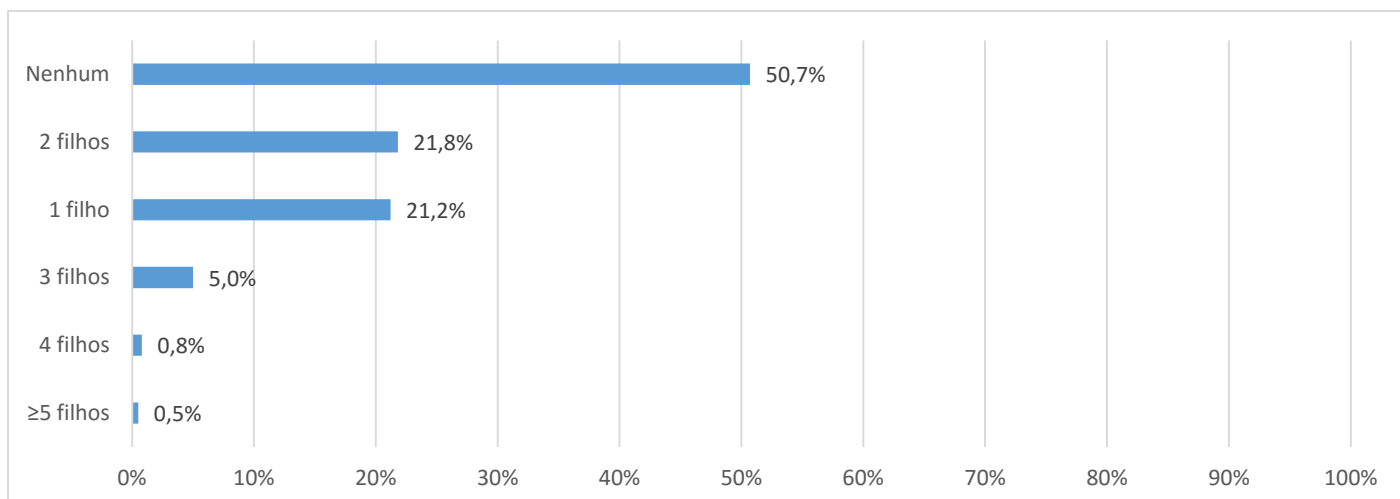
Figura 2 – Estado civil



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1492). Edição: OberCom

Um olhar breve sobre os dados patentes na Figura 3 permitem, desde logo, perceber que mais de metade (50,7%) dos profissionais inquiridos mencionam não ter qualquer descendente. São escassos os casos daqueles que declaram ter três ou mais filhos, perfazendo um total de 6,3%.

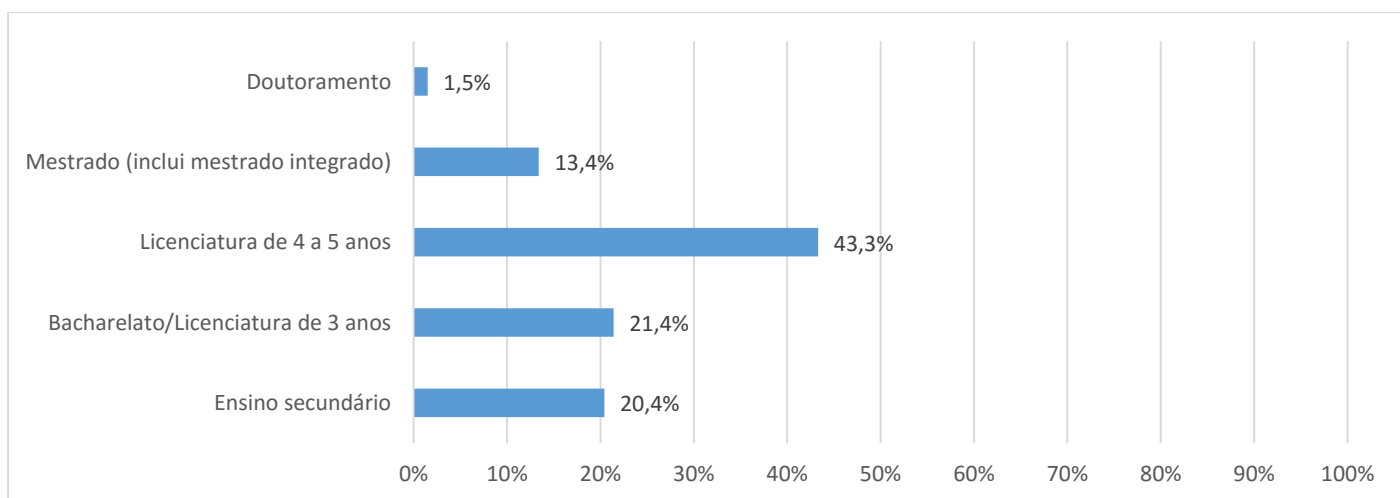
Figura 3 – Número de filhos



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1491). Edição: OberCom

No que toca às habilitações académicas, um sublinhado para o facto de 79,6% do total de jornalistas inquiridos mencionarem deter um diploma de Ensino Superior, seja ele Bacharelato/Licenciatura de 3 anos, com 21,4%, seja Licenciatura de 4 a 5 anos, com 43,3%, ou ainda Mestrado com 13,4% e, finalmente, 1,5% com Doutoramento. Apenas 20,4% (sensivelmente 1/5) não têm um diploma de Ensino Superior.

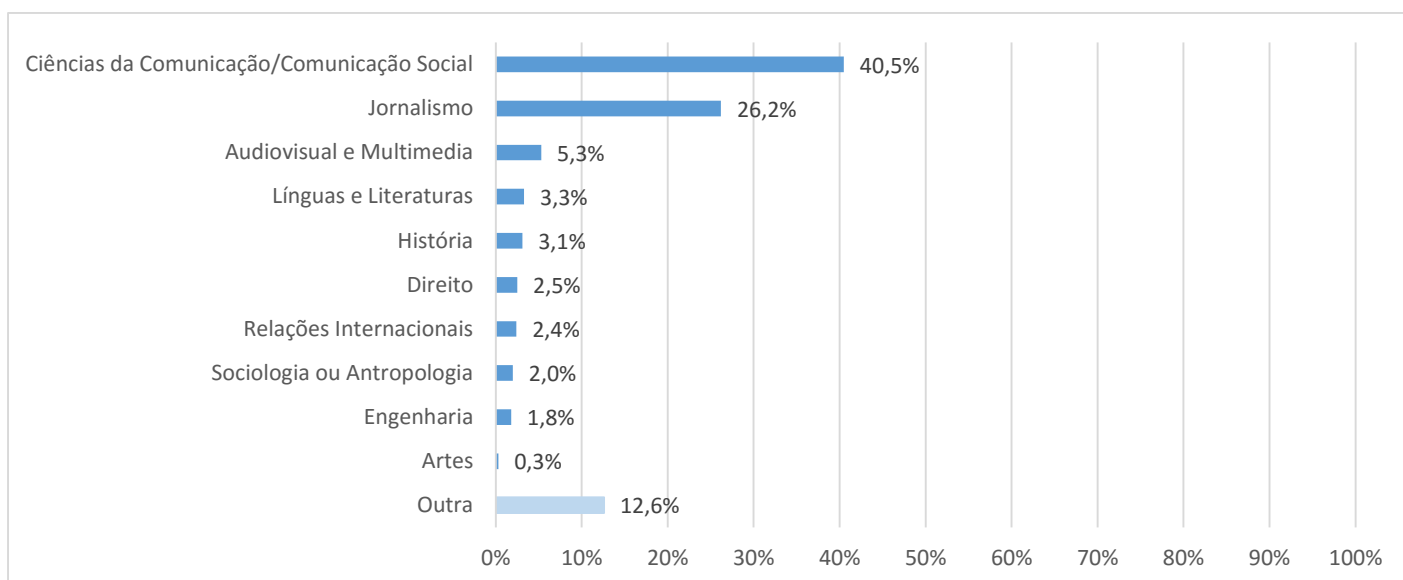
Figura 4 – Habilitações académicas



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1491). Edição: OberCom

Sabendo que a grande maioria tem um diploma ao nível do ensino superior interessa agora saber em que área é a sua respetiva formação. A Figura 5 permite saber que aproximadamente 2/3 (66,7%) dos inquiridos detém formação superior na área das Ciências da Comunicação/Comunicação Social (40,5%), mais os 26,2% do Jornalismo.

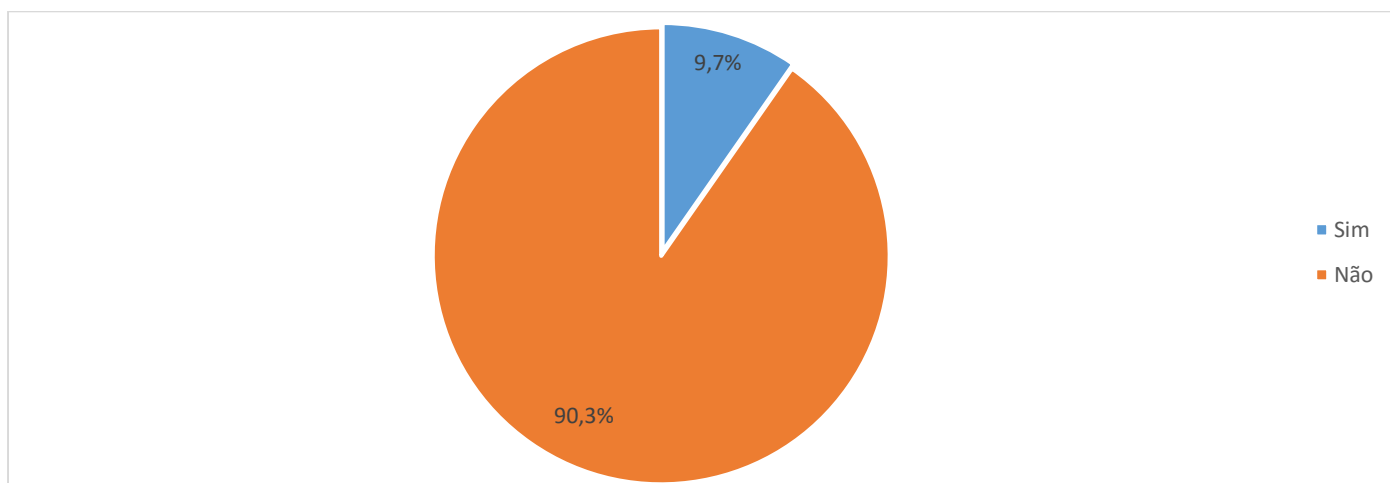
Figura 5 – Área de formação



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1441). Edição: OberCom

Entretanto, o número de jornalistas inquiridos que declaram estar atualmente a estudar cifra-se nos 9,7%. Nas figuras seguintes vai-se aprofundar o conhecimento em torno desta questão da formação.

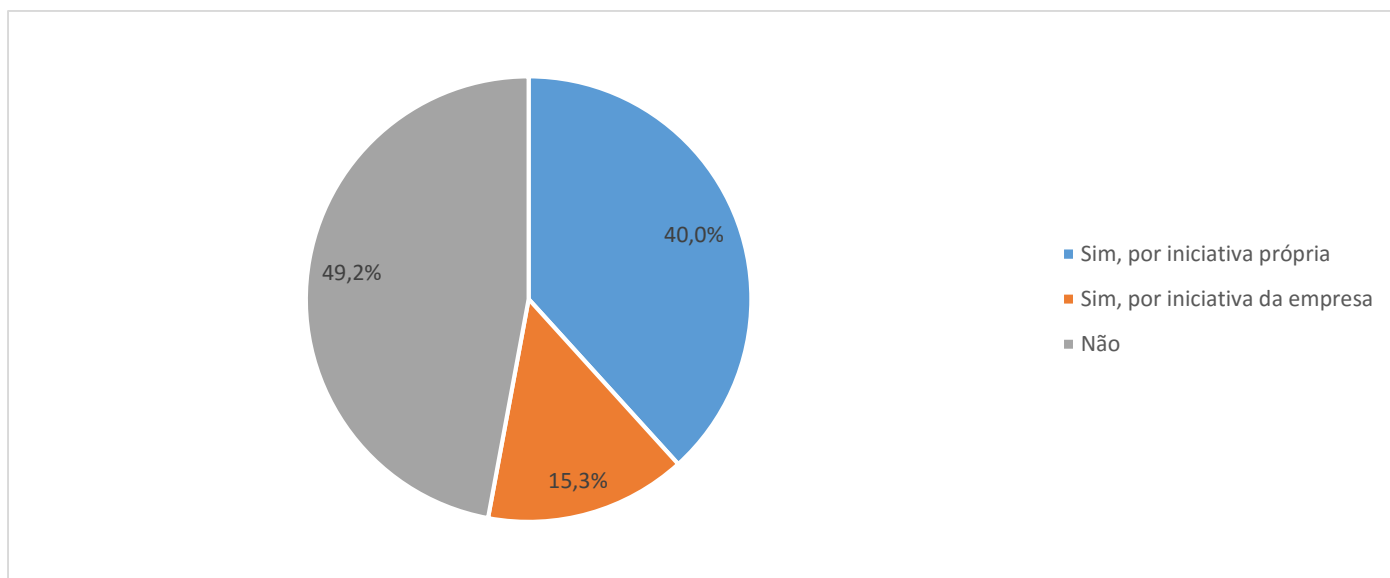
Figura 6 – Inquiridos que estudam atualmente



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1490). Edição: OberCom

Nesta linha também era objeto de inquirição o facto de nos últimos cinco anos ter frequentado algum tipo de formação complementar. De acordo com a Figura 7, quase metade (49,7%) afirmam não o ter feito. Com registos consideráveis surgem os 40% que o fizeram por iniciativa própria. Bem mais distante destes dois registos estão a frequência de formação complementar por iniciativa da empresa, que soma 15,3%.

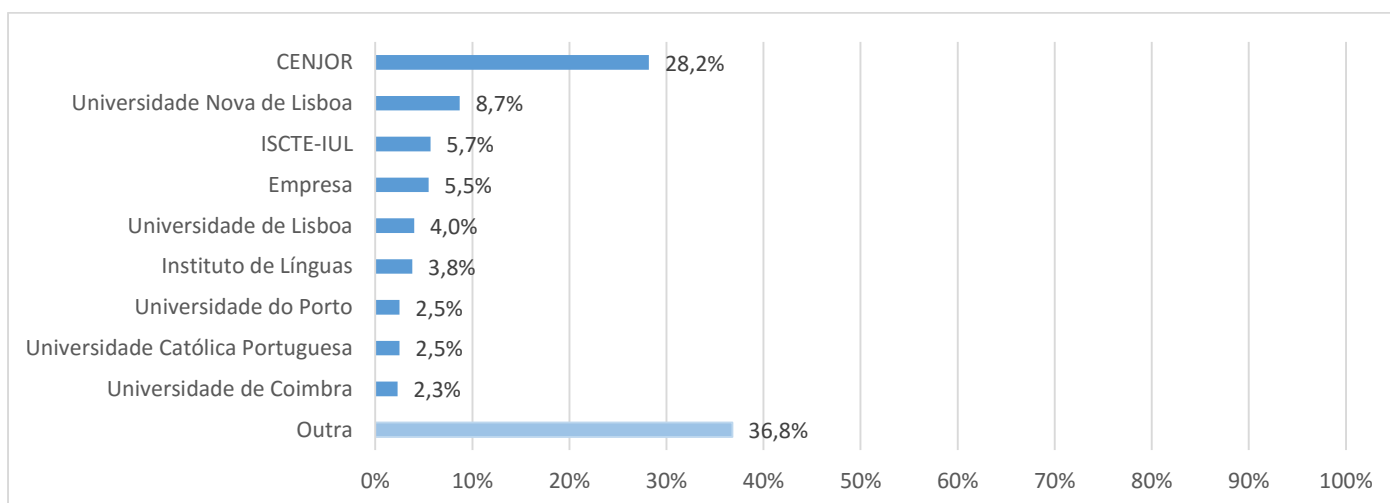
Figura 7 – Formação complementar nos últimos cinco anos



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016. (Sim, por iniciativa própria n=598; Sim, por iniciativa da empresa n=229; Não n=735) Edição: OberCom. (resposta múltipla).

O Cenjor (Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas) é a instituição de formação ou ensino a que os jornalistas portugueses mais recorreram para complementar os seus estudos. Dos que frequentaram ações de formação nos últimos 5 anos, 28,1% fizeram-no no Cenjor. A diversidade de formações e entidades formadoras é bastante grande, com destaque para cursos organizados em instituições de ensino superior. A Universidade Nova de Lisboa, em especial na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, é a mais procurada para formação (8,7%), seguida do ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa (5,7%) e da Universidade de Lisboa (4,0%). De destacar ainda que apenas 5,5% realizou formações internas na entidade empregadora nos últimos 5 anos, e que 3,8% realizou cursos em diversos institutos de línguas. Apesar de pouco significativos em volume, há também procura por cursos de formação no estrangeiro, tanto presenciais como em regime de *e-learning*.

Figura 8 – Instituição de formação

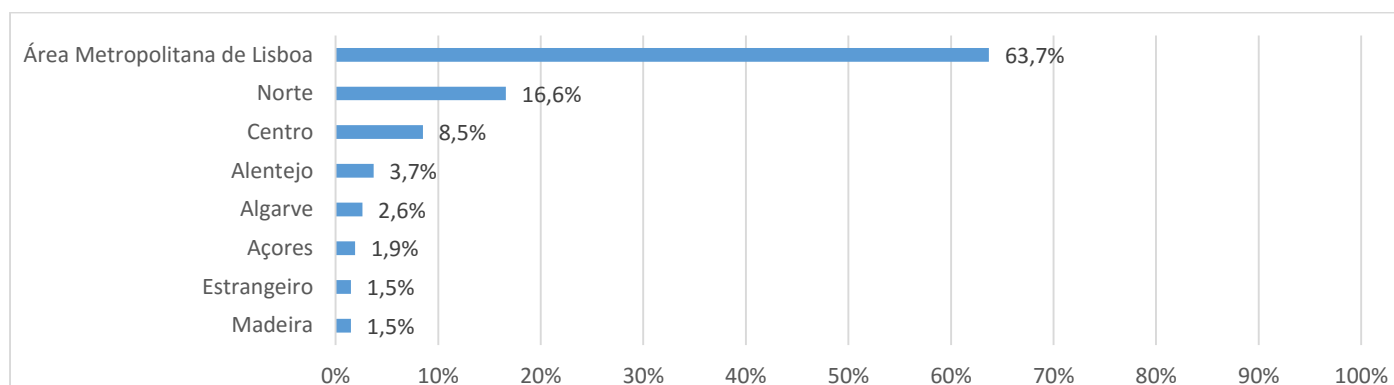


Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=473). Edição: OberCom

Nesta linha, os dados da Figura 9 corroboram, aparentemente, os da anterior. Esta constatação pode ficar a dever-se à concentração das instituições na capital portuguesa. A área metropolitana de Lisboa é onde quase dois terços dos jornalistas portugueses exercem a sua profissão. O facto de quase todos os maiores grupos de comunicação social

terem as suas sedes na Grande Lisboa e de ser a capital do país contribuem de forma determinante para esta concentração. Desde, logo o peso dominador de Lisboa, que ao somar 63,7% se aproxima bastante dos quase 2/3 do total. O somatório dos vários distritos que compõem a chamada região Norte não vai além dos 16,6%. Não considerando a Área Metropolitana de Lisboa, o Norte regista metade dos restantes.

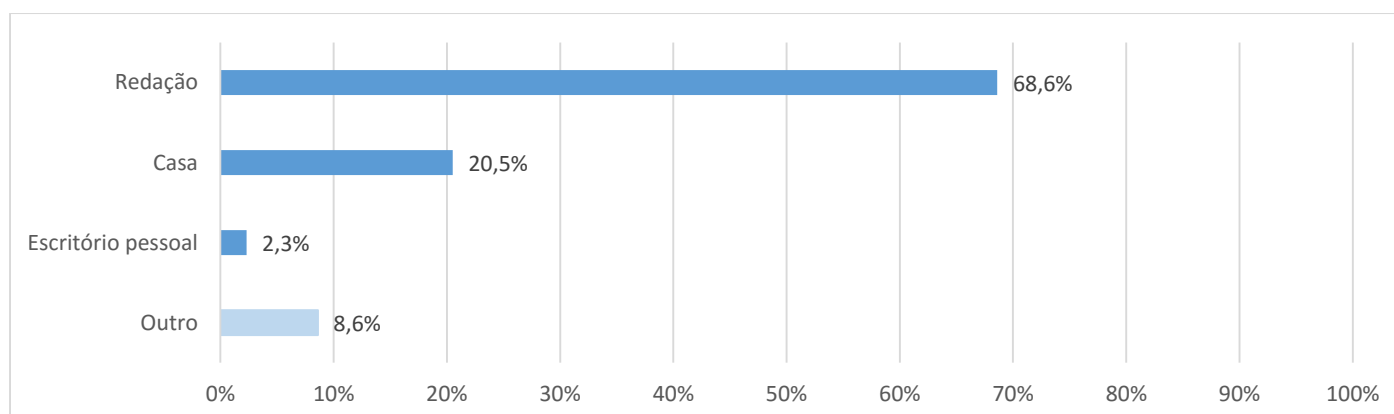
Figura 9 – Região de trabalho (NUTS II)



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1172). Edição: OberCom

Não obstante o diversificado processo de transformação do ecossistema mediático, a verdade é que a redação continua a ser o ambiente-padrão, para o desempenho das lides profissionais, por parte dos jornalistas objeto da presente inquirição. O ambiente doméstico (20,5%) e o escritório pessoal (2,3%) somados não ascendem a um quarto do total.

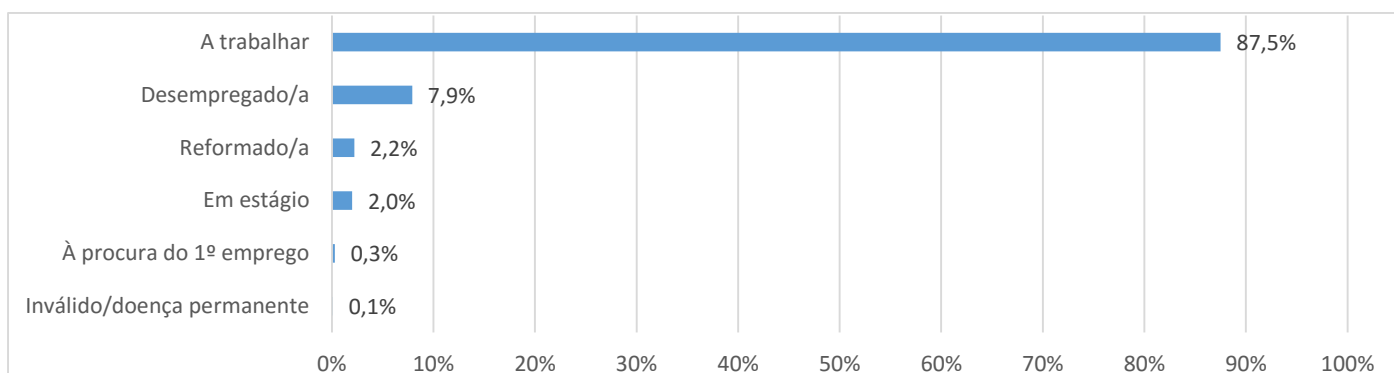
Figura 10 – Principal local de trabalho



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1448). Edição: OberCom

Para completar esta primeira secção procurou-se indagar acerca da relação contratual. Desde logo, na Figura 11 pode-se constatar que a grande maioria (87,5%) dos inquiridos refere estar presentemente no ativo, ou por outras palavras a trabalhar. A condição de desempregado não vai além dos 7,9%.

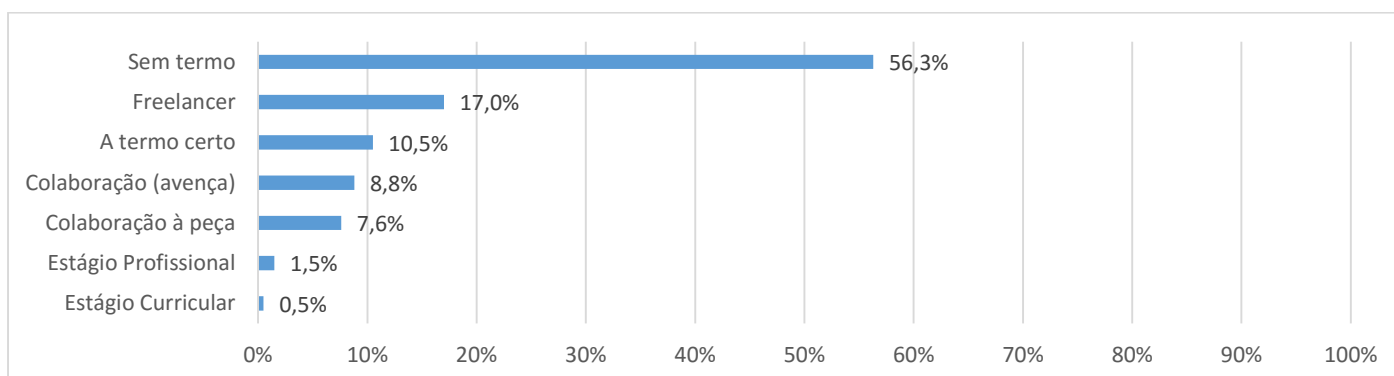
Figura 11 – Condição face ao trabalho



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1458). Edição: OberCom

Quanto ao vínculo contratual, a maioria (56,3%) menciona estar ao abrigo de um contrato “sem termo”. Relevantes registos ainda para a condição de “freelancer”, com 17%, e a “termo certo”, com 10,5%.

Figura 12 – Tipo de vínculo contratual

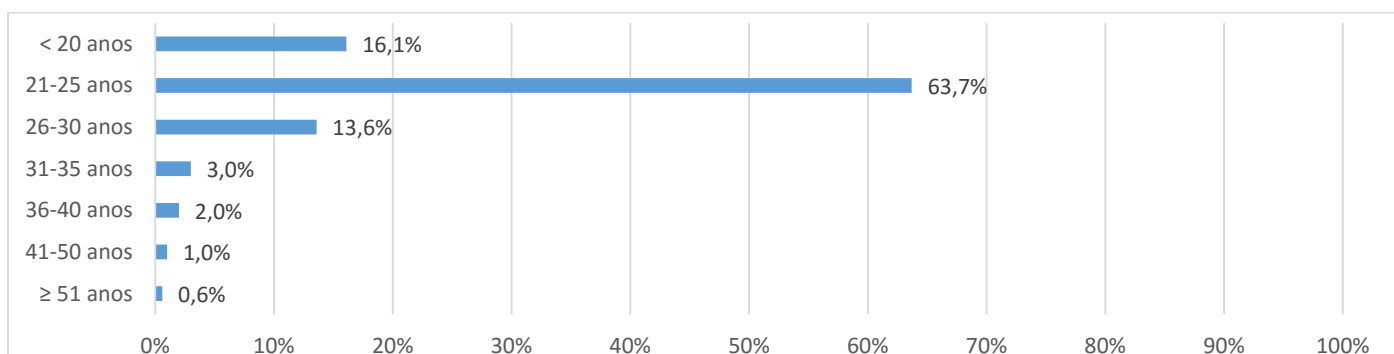


Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1494). Edição: OberCom (resposta múltipla).

Trajectoria e Carreira Profissional

Com a presente secção procura-se perceber como se processa a entrada na profissão de jornalista, bem como o desenvolvimento da própria carreira profissional. Através da Figura 13 pode-se constatar que quase dois terços (63,7%) dos inquiridos diz ter acedido à carreira entre os 21-25 anos de idade, isto é, logo após a conclusão ou ainda durante a frequência do ensino superior. São escassos os casos de inserção na carreira jornalística após os 30 anos.

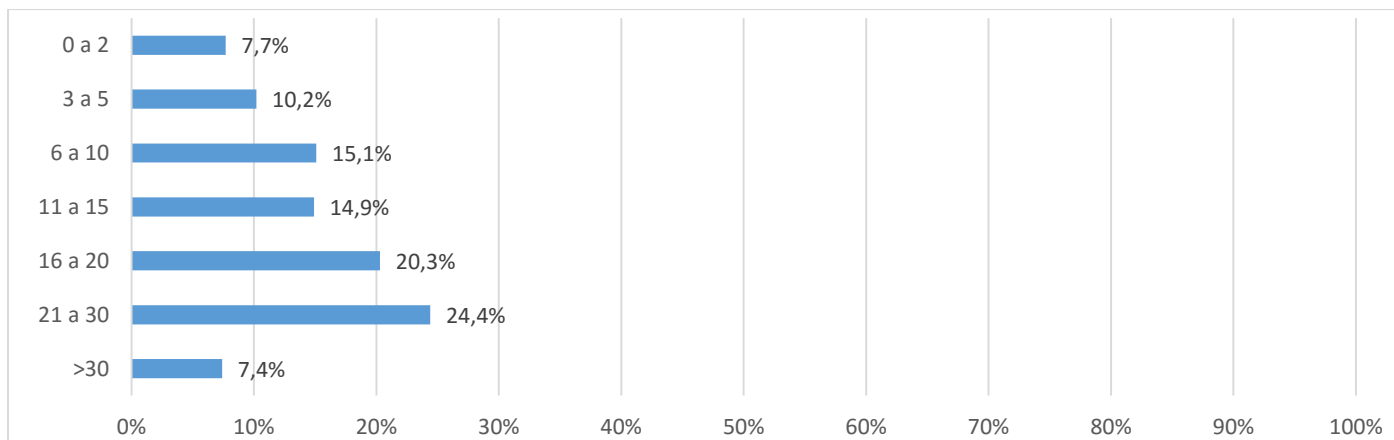
Figura 13 – Idade com que entrou na profissão



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1453). Edição: OberCom

Por conseguinte, quanto à duração e longevidade da trajetória profissional (Figura 14) dever-se-á destacar o facto de quase um quarto (24,4%) dos inquiridos ter entrado para o jornalismo há 20 a 30 anos. Se juntar os que declaram tê-lo feito há mais de 30 anos (7,4%), somam 31,8%, quase um terço.

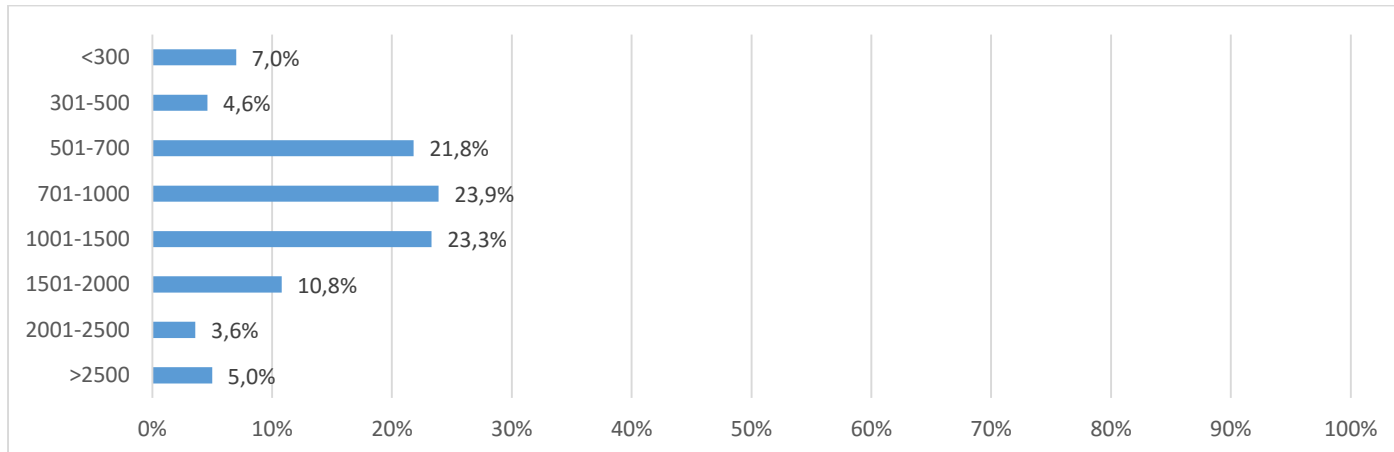
Figura 14 – Anos de exercício da profissão



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1455). Edição: OberCom

Do ponto de vista remuneratório quase 2/3 (69%) detém salários entre os 501-1500 euros. Nos extremos, seja para baixos rendimentos, seja para remunerações superiores a 2000 euros, encontramos menores proporções. Em termos médios o vencimento médio líquido mensal é de 1113 euros. Um sublinhado para os dois extremos: por um lado, 5% com vencimentos superiores a 2500 euros, por outro, 7% com rendimento inferior a 300 euros.

Figura 15 – Remuneração mensal média líquida

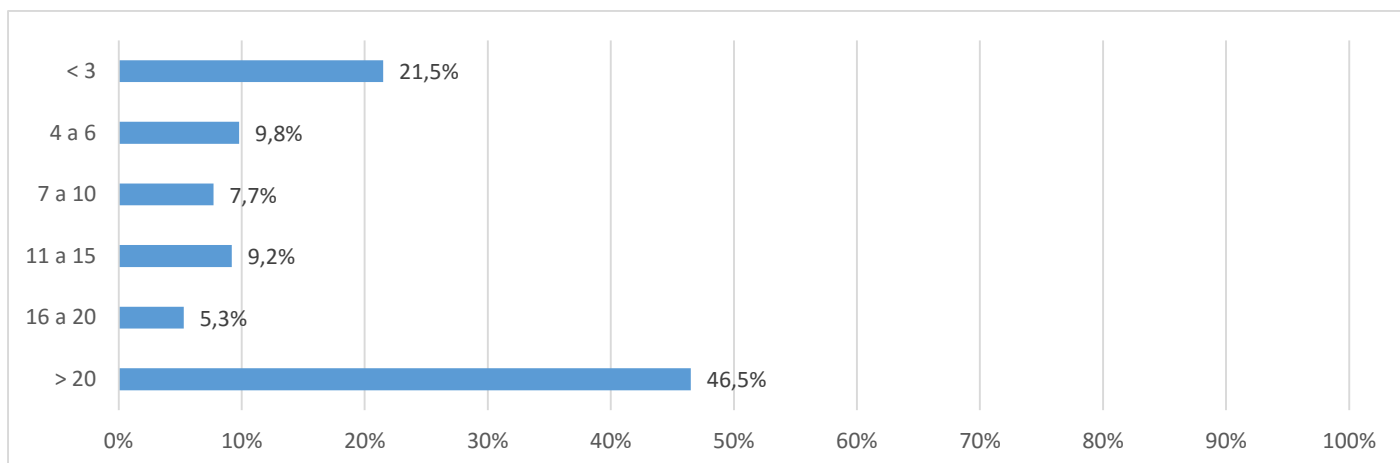


Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1344). Edição: OberCom

Práticas jornalísticas

No que concerne à quantidade de trabalhos realizados, procurou-se aferir quantos trabalhos foram produzidos nos últimos três meses. Nesta medida, dever-se-á sublinhar o predomínio na categoria que agrega os inquiridos que declaram ter realizado um número superior a vinte trabalhos no período em causa. Uma nota ainda para enfatizar os 21,5% daqueles que dizem ter realizado um número de trabalhos inferior a três.

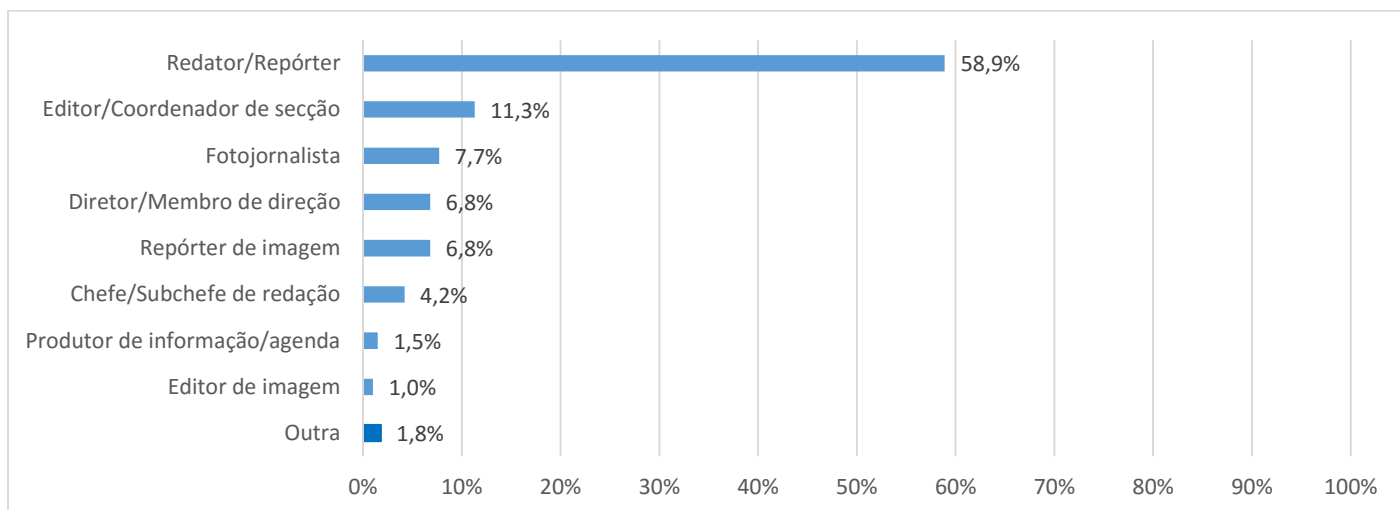
Figura 16 – Número de trabalhos realizados nos últimos 3 meses



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1169). Edição: OberCom

Em 2016, os jornalistas declaram-se maioritariamente na categoria profissional de redator/repórter, com 58,9% (Figura 17). A substancial distância está a categoria de editor/coordenador de secção, com 11,3%. A restante distribuição não alcança os dois dígitos.

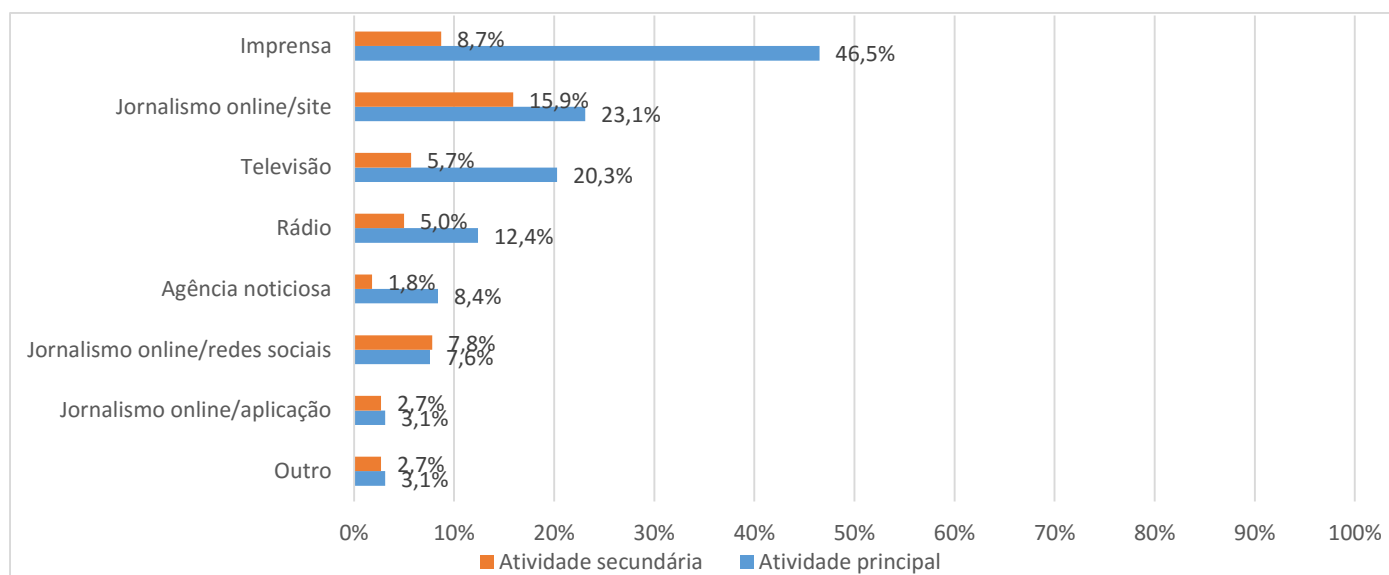
Figura 17 – Categoria profissional



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1437). Edição: OberCom

A Figura 18 constitui-se como nevrálgica na presente análise, uma vez que faculta uma visão geral sobre em que meios os inquiridos desempenham a sua atividade profissional. Por conseguinte, pode afirmar-se que a imprensa reúne 46,5% dos jornalistas inquiridos, enquanto atividade principal. Já no que toca ao conjunto de atividades secundárias o jornalismo *online/site* representa a maior fatia ao registar 15,9%. Estes dados podem indicar que a gestão das diversas plataformas *online* não é assegurada por uma equipa de profissionais especializados em jornalismo *online*.

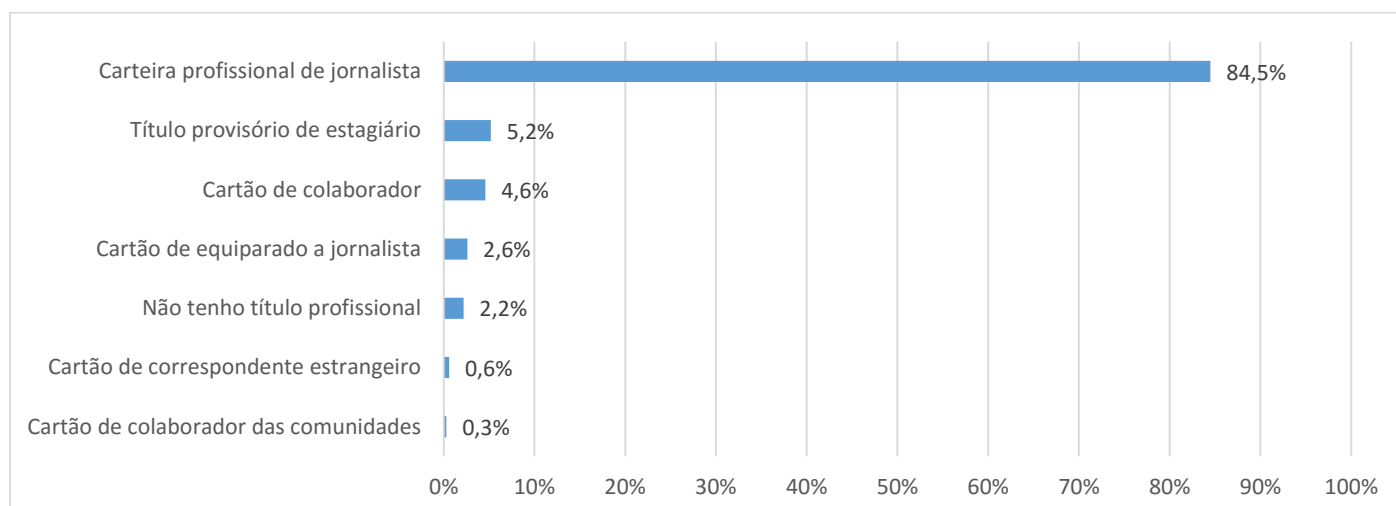
Figura 18 – Meios de comunicação em que trabalha



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1494). Edição: OberCom

84,5% dos inquiridos refere deter carteira profissional de jornalista. A restante distribuição dos inquiridos distribui-se de forma relativamente simétrica pelos restantes títulos profissionais, nenhum deles alcançando registos de dois dígitos.

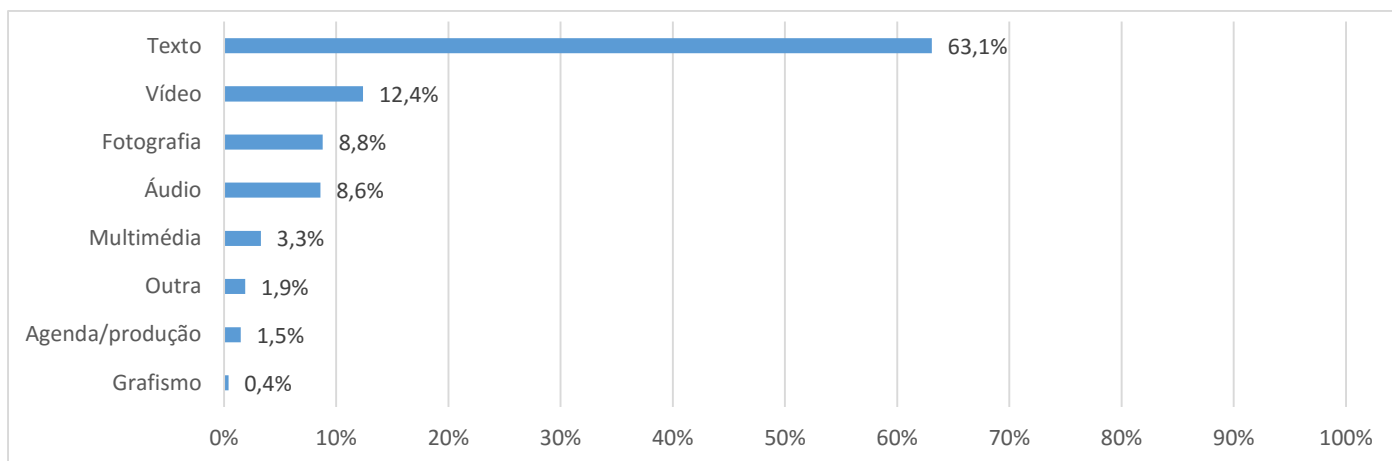
Figura 19 – Título profissional de jornalista



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1444). Edição: OberCom

A produção de texto é para quase 2/3 (63,1%) dos profissionais inquiridos a área em que trabalha no dia-a-dia. Um sublinhado ainda para a produção de vídeo com 12,4%, a fotografia com 8,8% e o áudio com 8,6%.

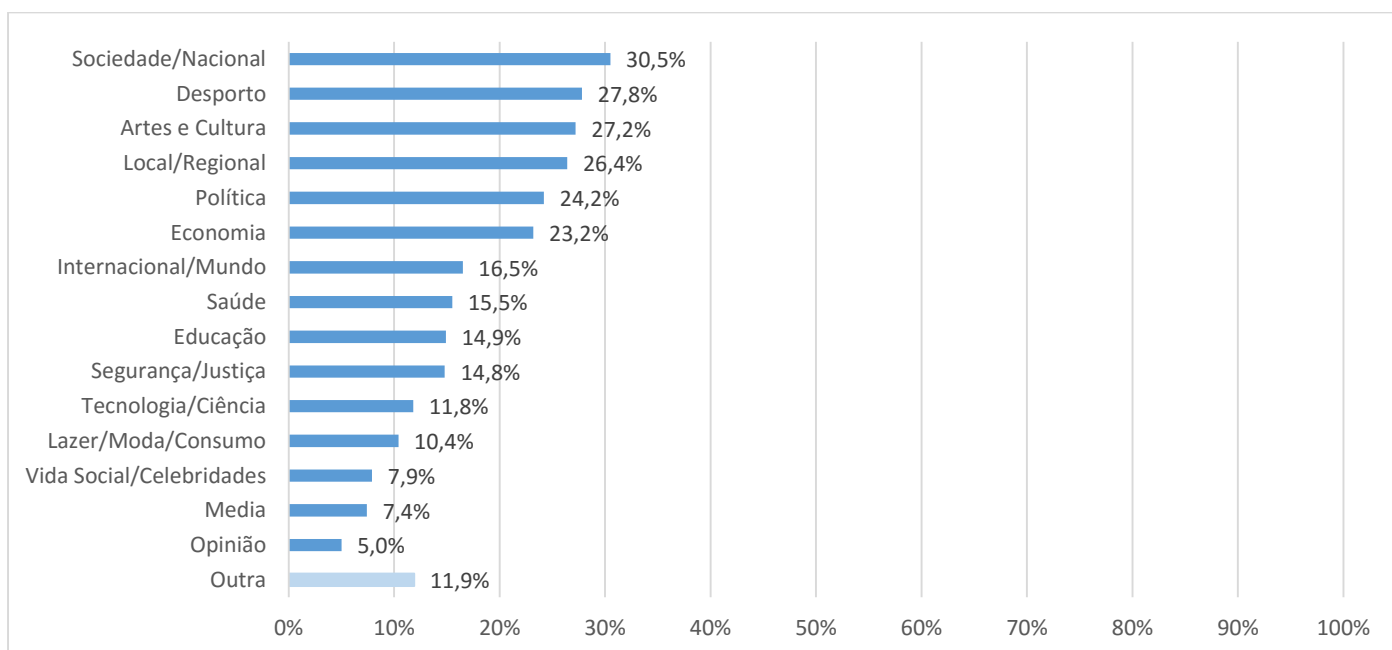
Figura 20 – Principal área em que trabalha



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1425). Edição: OberCom

As secções ou especialidades a que os jornalistas mais se dedicam (não de forma exclusiva) são Sociedade (30,5%), Desporto (27,8%), Arte e Cultura (27,2%), Local/Regional (26,4%), Política (24,2%) e Economia (23,2%). Destes dados destaca-se o facto de o Desporto mobilizar mais profissionais do que a Política ou a Economia. É igualmente relevante que Artes e Cultura, temática que raramente faz manchetes ou é destaque em órgãos generalistas, ser o terceiro tipo de conteúdo mais mencionado. Mais de um quarto dos inquiridos (26,4%) dedica-se à informação local ou regional (seja em meios locais ou nacionais).

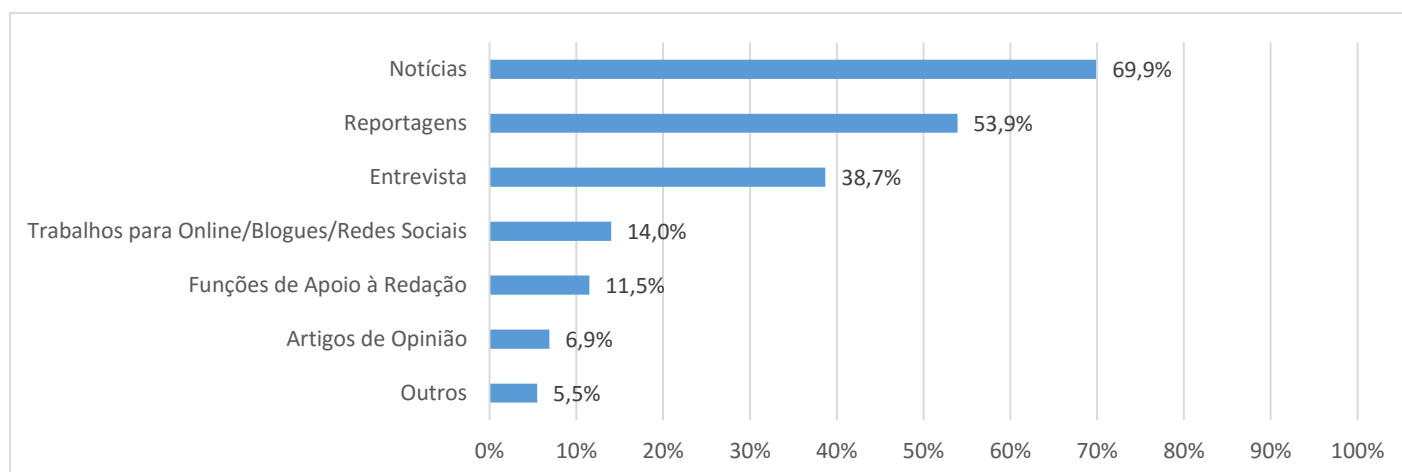
Figura 21 – Secções em que trabalha



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1494). Edição: OberCom (resposta múltipla).

Como seria expectável, o formato de conteúdo mais produzido pelos jornalistas inquiridos são notícias (69,9%), mas 53,9% afirma produzir reportagens e 38,7% entrevistas, o que pode indicar que os jornalistas saem com frequência das redações.

Figura 22 – Tipo de conteúdos que produz com maior frequência

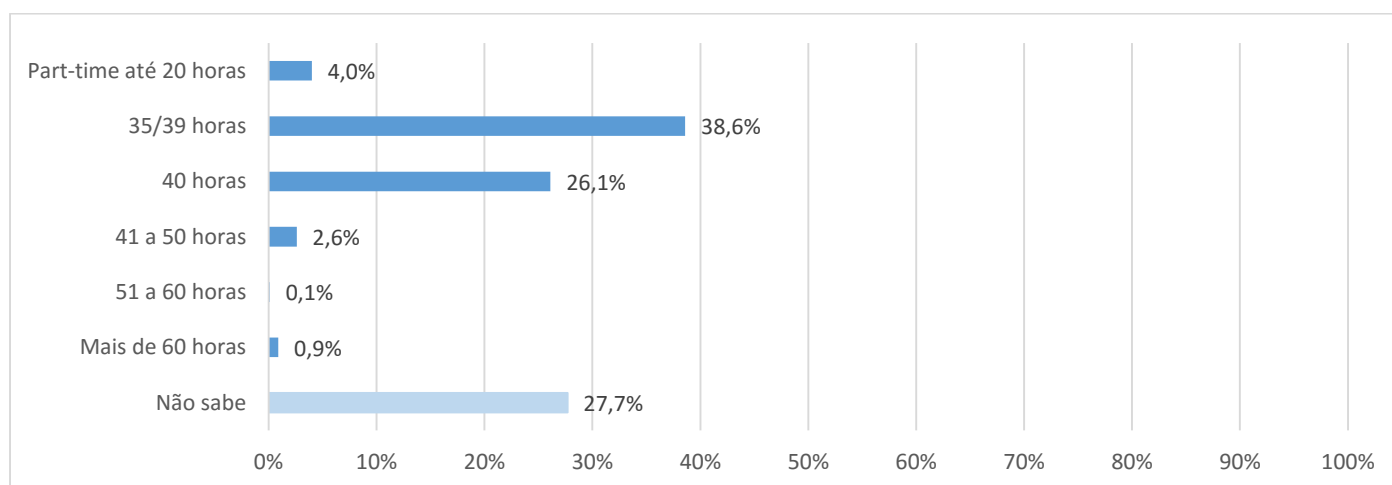


Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1443). Edição: OberCom (resposta múltipla).

Condições laborais

Inicia-se agora uma secção na qual se procurará perceber em que condições laborais se desenrolam as práticas jornalísticas dos inquiridos no dia-a-dia. Na Figura 23, começamos por procurar saber quantas horas de trabalho semana, estão contratualmente previstas. A maioria (64,7%) oscila entre as 35h e as 40h.

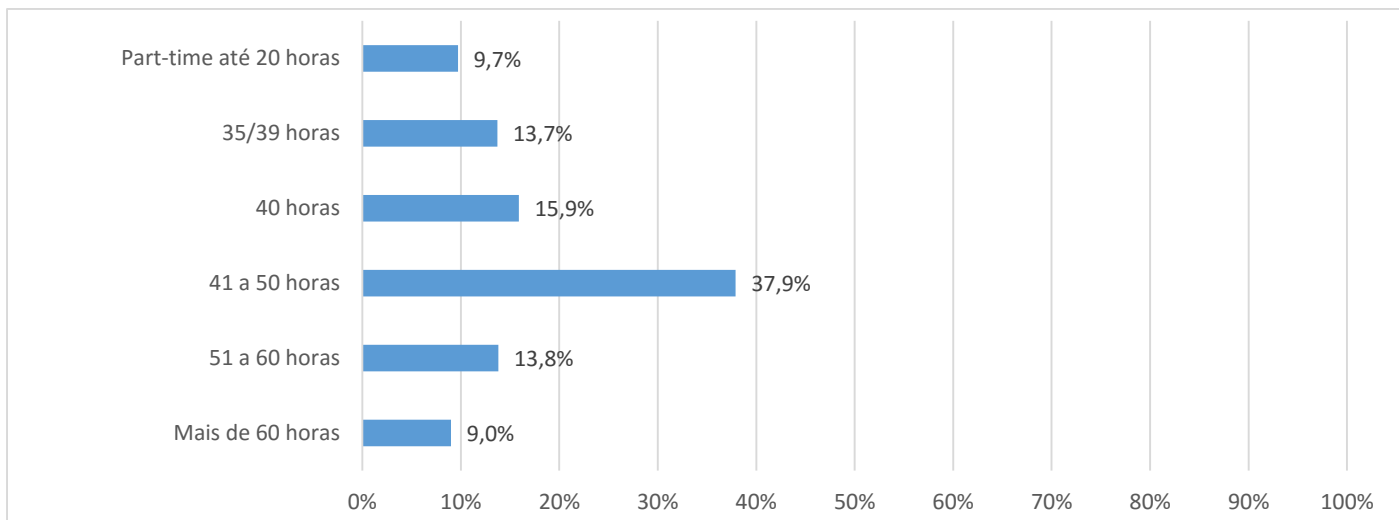
Figura 23 – Horas por semana que estão previstas no seu contrato de trabalho



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1289). Edição: OberCom

Por contraponto aos quase 65% de contratos de trabalho até 40 horas semanais, em 2016 os jornalistas afirmam, em maioria, trabalhar mais de 40 horas por semana. São 60,7% os que trabalham mais de 40 horas, dos quais 13,8% tem uma semana laboral de 51 a 60 horas e 9% até trabalha mais de 60 horas. Dos jornalistas a tempo integral, só 29,6% afirmam trabalhar um número de horas similar ao previsto no contrato de trabalho.

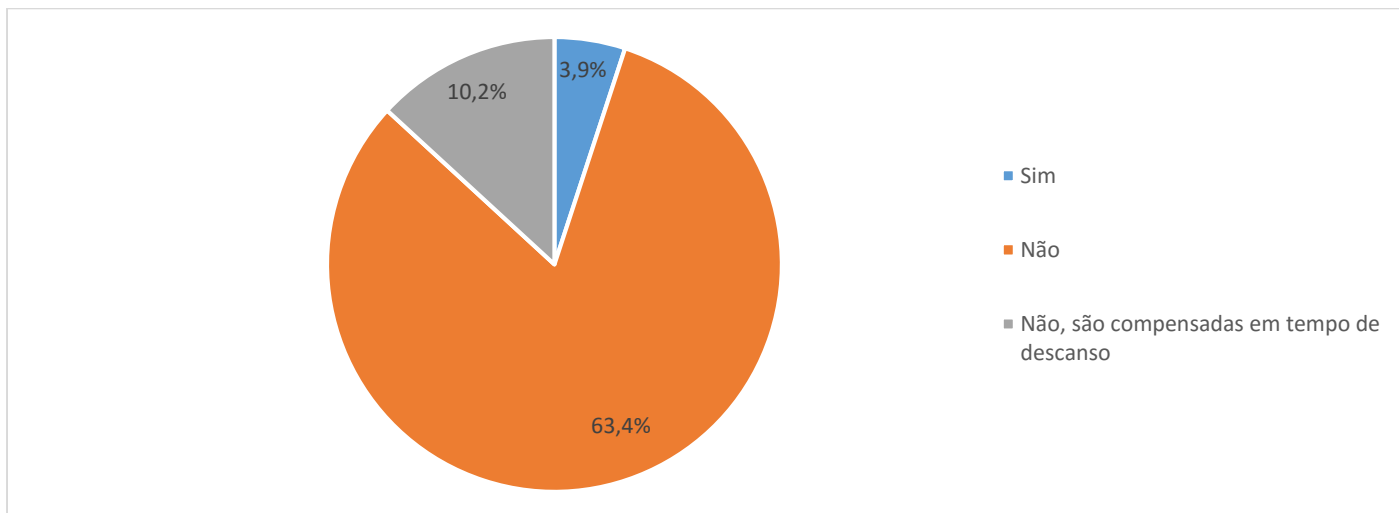
Figura 24 - Horas que dedica por semana à sua atividade profissional como jornalista



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1326). Edição: OberCom

Do grande número de jornalistas que trabalha mais horas do que o previsto no seu contrato, apenas 3,9% diz ser remunerado pelas horas extraordinárias. Se há 10,2% que ainda é compensado em tempo de descanso pelo trabalho extra, quase dois terços do total (63,4%) não têm qualquer compensação pelo trabalho extraordinário, demonstrando uma elevada discrepância entre a carga horária contratualizada, a prática profissional efetiva e a remuneração dessa discrepância.

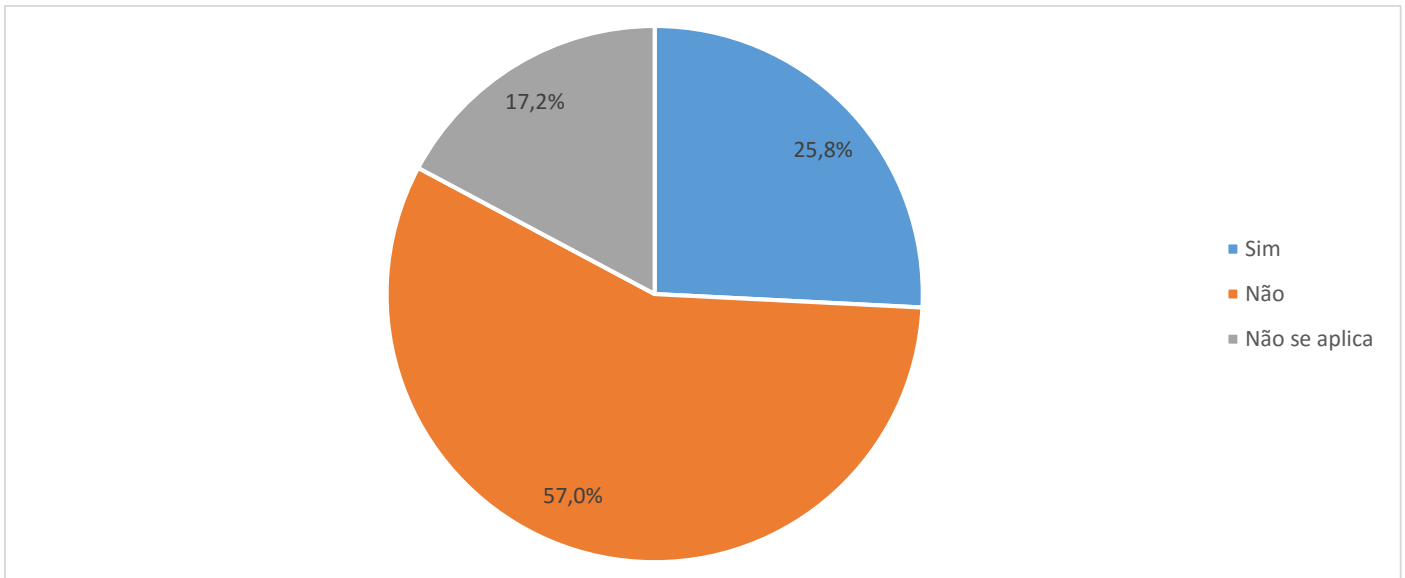
Figura 25 - Remuneração das horas que trabalha a mais



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1043). Edição: OberCom

Seguindo a tendência de outros sectores de atividade, nomeadamente económica, também nos media assiste-se a uma crescente concentração dos diversos meios de comunicação em grupos. Neste sentido, procurou-se saber até que ponto existe partilha de trabalho jornalístico entre os diversos meios de comunicação dentro do grupo. Na Figura 26 é possível perceber que existem 25,8% de jornalistas inquiridos que afirmam fazê-lo.

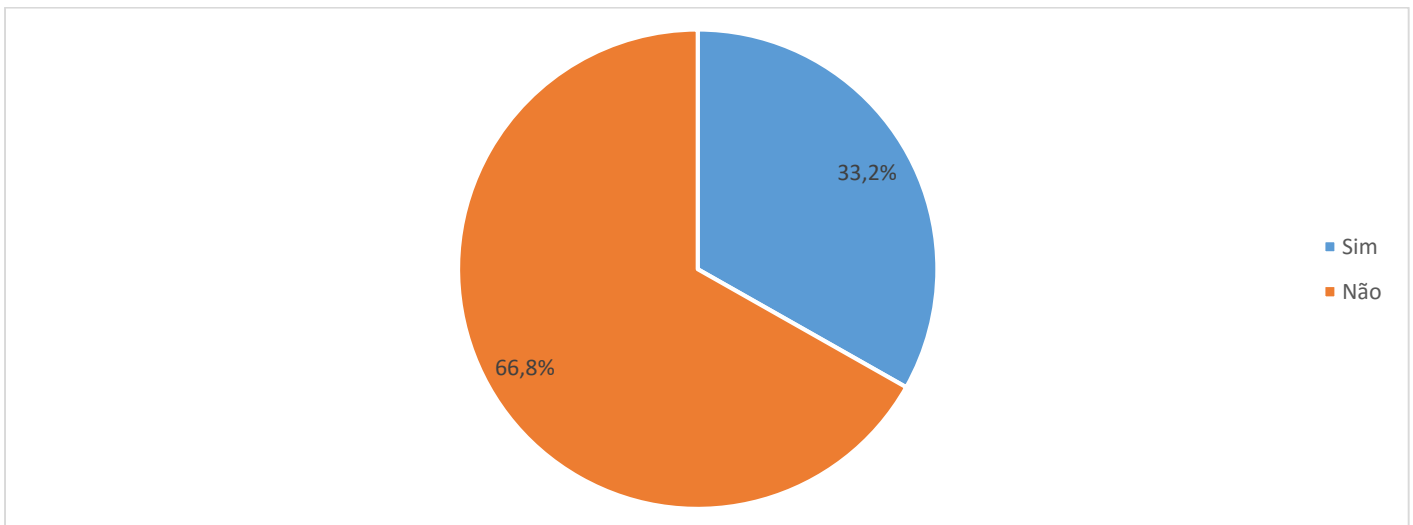
Figura 26 - Presta serviço (formal ou informal) em mais do que um órgão de comunicação social do grupo



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1351). Edição: OberCom

Na sequência da questão anterior, era objetivo perceber se existe pagamento pelo referido trabalho. Aproximadamente dois terços dos respondentes a esta questão afirmam não receber qualquer retribuição.

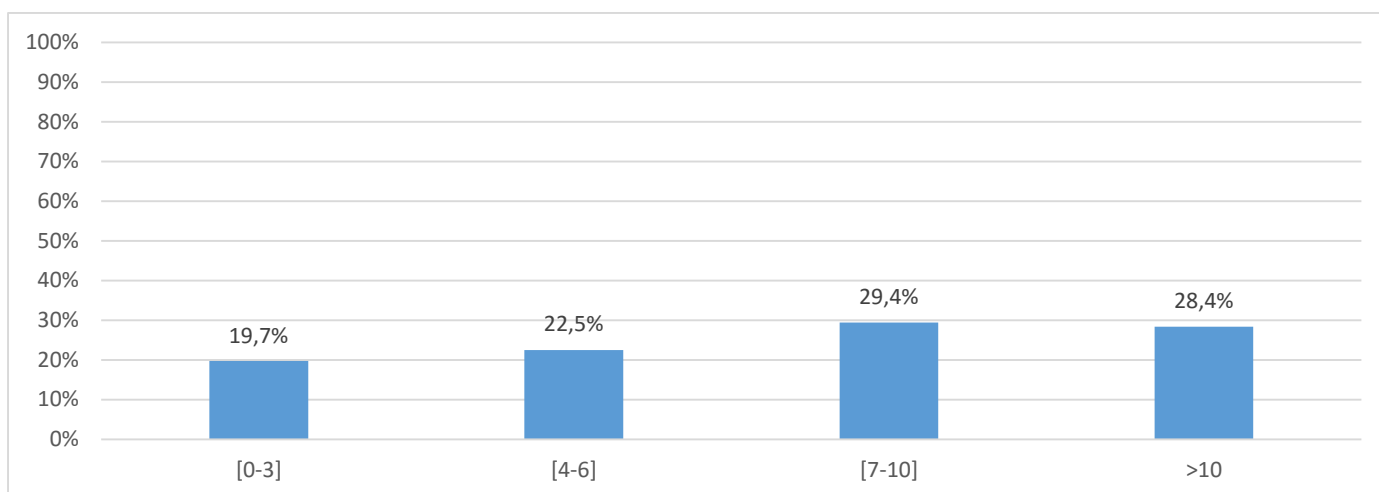
Figura 27 - Recebe pelo serviço para outro órgão do mesmo grupo



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1169). Edição: OberCom

A progressão na carreira dos jornalistas inquiridos em 2016 parece quase impossível, pois mais 80 por cento não tem progressão há mais de 4 anos, mesmo nas empresas de comunicação social onde está prevista. Há mesmo 28,4% de jornalistas que não progridem na carreira há mais de uma década, e mais 29,4% que têm a carreira congelada há pelo menos 7 anos. São 22,5% os que não progridem há 4 a 6 anos, e apenas 19,7% não tiveram progressão na carreira há menos de 3 anos.

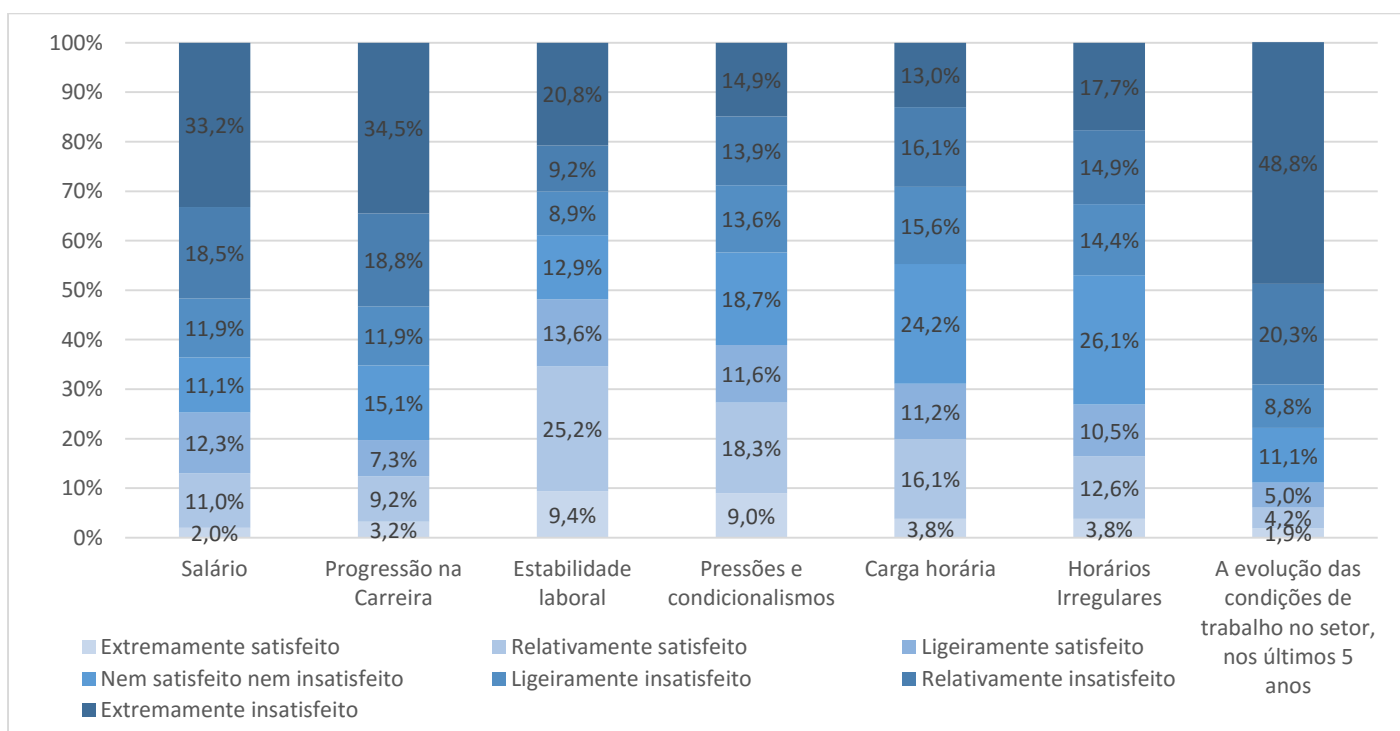
Figura 28 - Anos em que não progride na carreira



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1494). Edição: OberCom

A Figura 29 permite uma imagem ampla e diversificada acerca de um conjunto diversificado de aspetos relacionados com o quotidiano dos jornalistas, que vão desde a satisfação com o salário às pressões e condicionalismos sofridos, ou ainda os horários irregulares. Numa abordagem genérica aos mencionados dados, dir-se-á que os níveis de insatisfação, nos sete pontos referidos, são maiores comparativamente aos valores que registam a satisfação. Contudo, olhando de forma mais pormenorizada os dados, “a evolução das condições de trabalho no setor nos últimos 5 anos” são aquele aspeto que maior nível de insatisfação regista, com 48,8% a declararem extremamente insatisfeitos. Se lhe for somado o relativamente insatisfeito (20,3%) ascende a 69,1% o nível de insatisfação. Com registos ainda de clara insatisfação encontra-se o “salário” com 33,2% e a “progressão na carreira” com 34,5%.

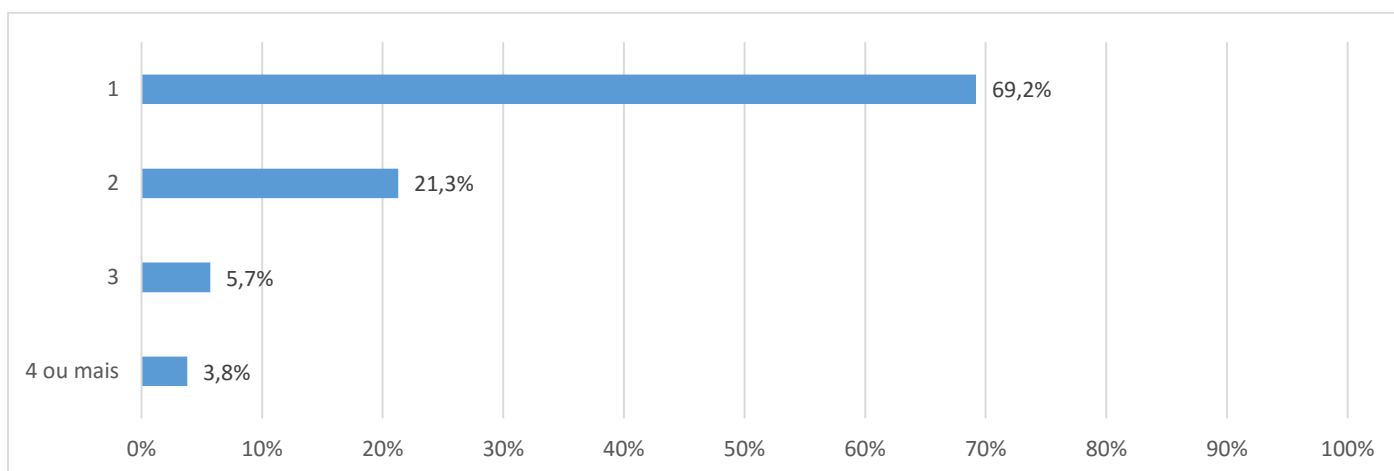
Figura 29 – Nível de satisfação



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (Salário n=1329; Progressão na Carreira n=1293; Estabilidade Laboral n=1304; Pressões e Condicionismos n=1290; Carga Horária n=1305; Horários Irregulares n=1291; Evolução das condições de trabalho no setor nos últimos 5 anos n=1301). Edição: OberCom

Cerca de 69,2% dos profissionais inquiridos afirmam ter realizado um estágio ao longo da sua carreira jornalística. Regista-se ainda os 21,3% que dizem ter realizado dois.

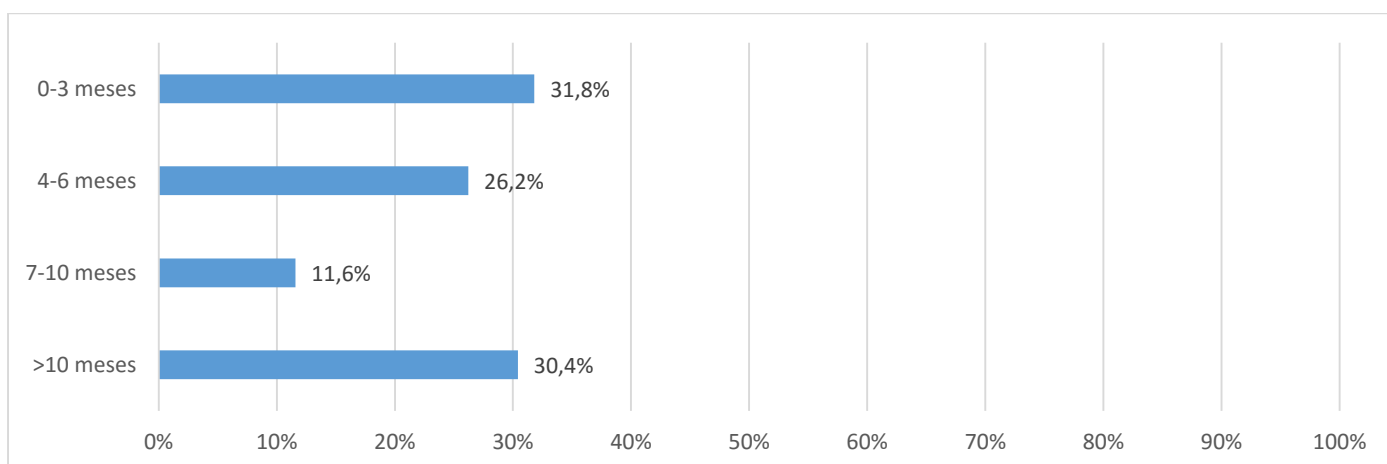
Figura 30 - Número de estágios realizados ao longo da carreira



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1267). Edição: OberCom

Quase 1/3 (30,4%) dos jornalistas que realizaram estágio dizem também que este teve um período superior a dez meses. Num outro extremo encontram-se 31,8% que fizeram estágio com duração até três meses.

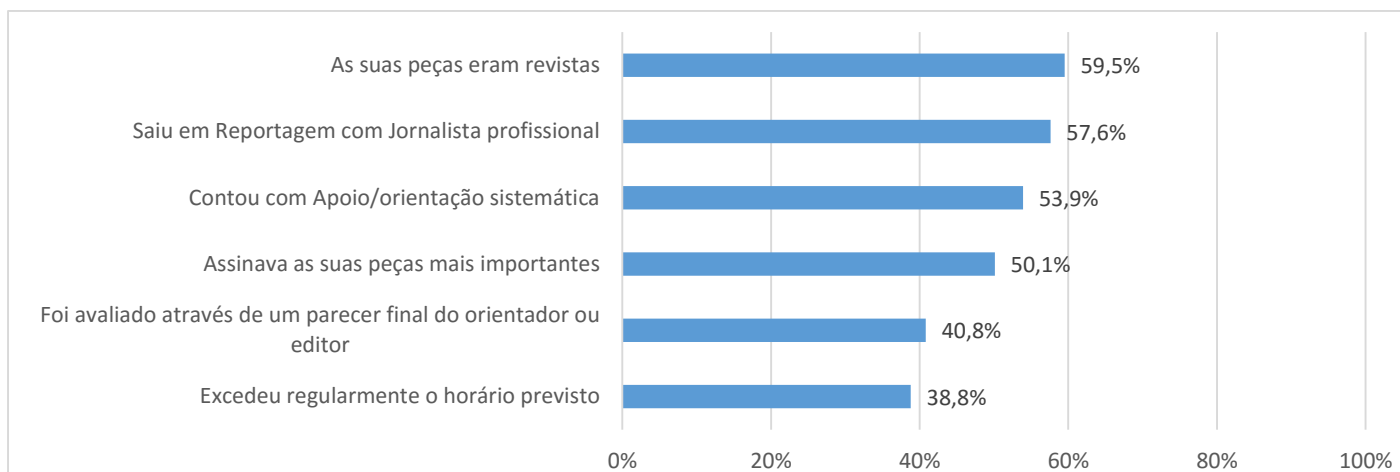
Figura 31 - Duração do(s) estágio(s)



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1141). Edição: OberCom

Importa agora aprofundar o conhecimento acerca das condições que envolveram a realização do estágio. Para a tal, eram apresentados aos inquiridos um conjunto de seis aspetos, que estão plasmados na Figura 32. Dos seis critérios apresentados, quatro apresentam uma maioria afirmativa. Apenas 38,8% afirma ter regulamente excedido o horário previsto. Um dado, que pode envolver algum interesse analítico, prende-se com o valor de 50,1% referente à assinatura das peças mais importantes. O aspeto mais negativo desta questão em particular situa-se nos 40,8% que afirmam ter sido avaliados, o que implica que os restantes não o foram.

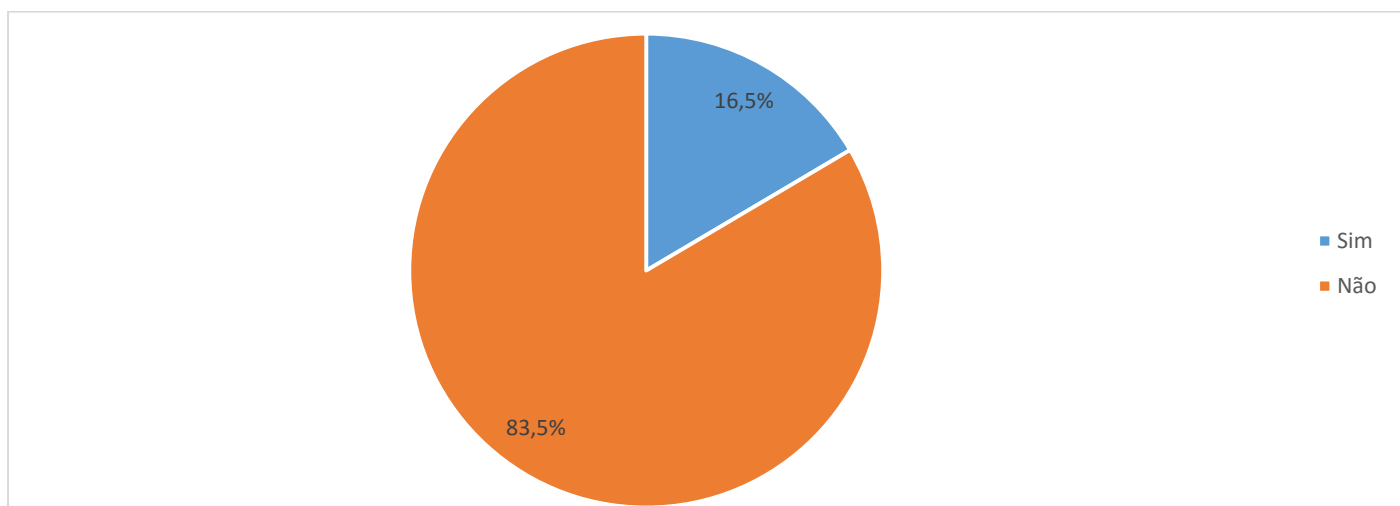
Figura 32 - Balanço do estágio



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1494). Edição: OberCom (resposta múltipla).

Atualmente são 16,5% os profissionais inquiridos que conjugam a atividade jornalística com uma outra, de acordo com a Figura 33.

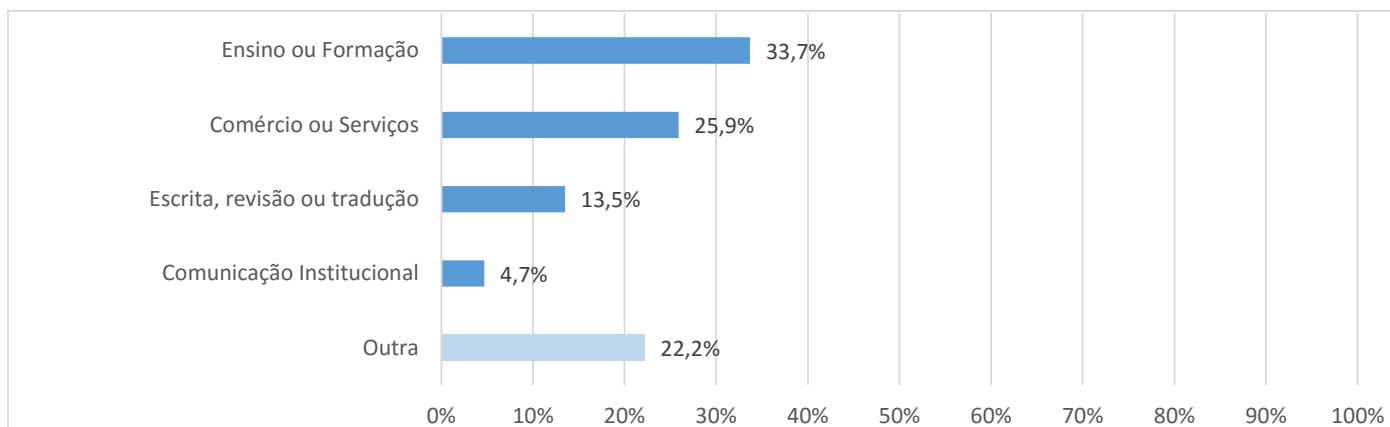
Figura 33 - Exercício de outra atividade remunerada atualmente



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1330). Edição: OberCom

Na esteira da questão anterior, a Figura 34 diz-nos que entre os jornalistas inquiridos 16,5% desenvolve outras atividades remuneradas em paralelo com o jornalismo. Destes, um terço (33,7%) desenvolve atividades de ensino ou formação, 25,9% está ligado a comércio ou serviços e 13,5% dedica-se a escrita, revisão ou tradução.

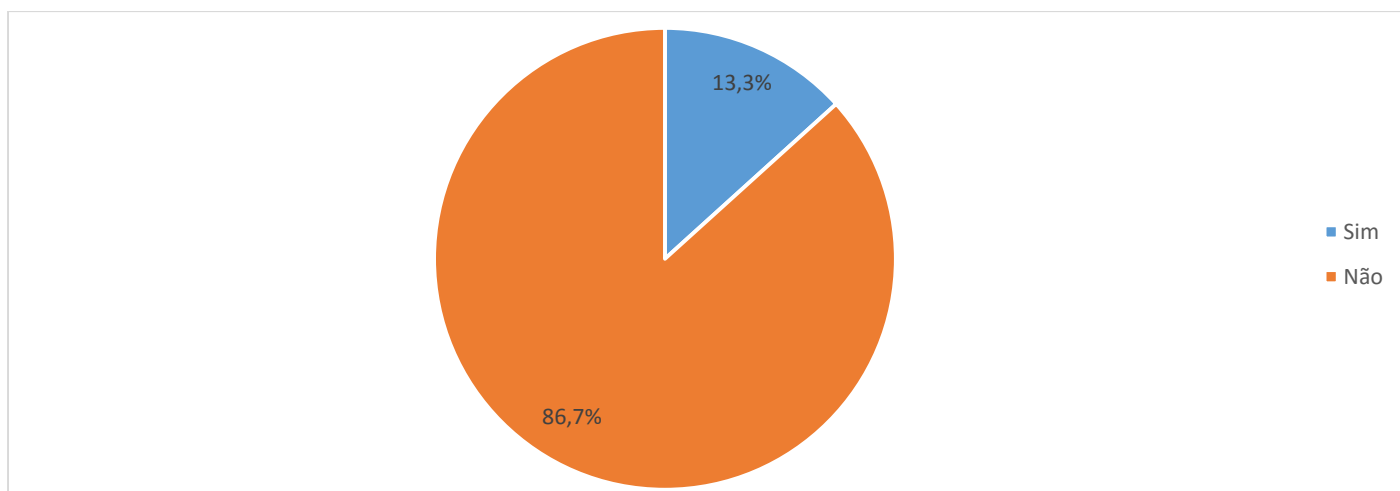
Figura 34 - Atividade remunerada para além do jornalismo



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=193). Edição: OberCom

Por alguma circunstância 13,3% dos entrevistados afirma já ter, em algum momento, interrompido a sua carreira jornalística.

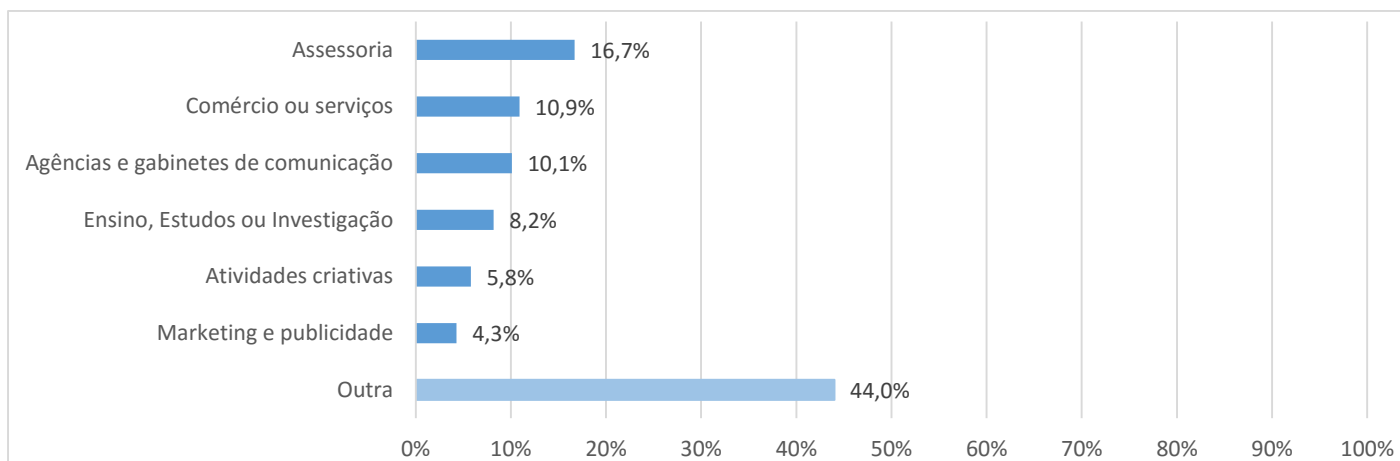
Figura 35 - Interrupção da atividade jornalística



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1320). Edição: OberCom

Neste sentido, a assessoria, com 16,7% constitui-se como a atividade mais comum para se interromper a atividade profissional. Contudo, valores ainda significativos para o comércio ou serviços, com 10,9%, agências e gabinetes de comunicação, com 10,1%, e ainda ensino, estudos ou investigação, com 8,2%.

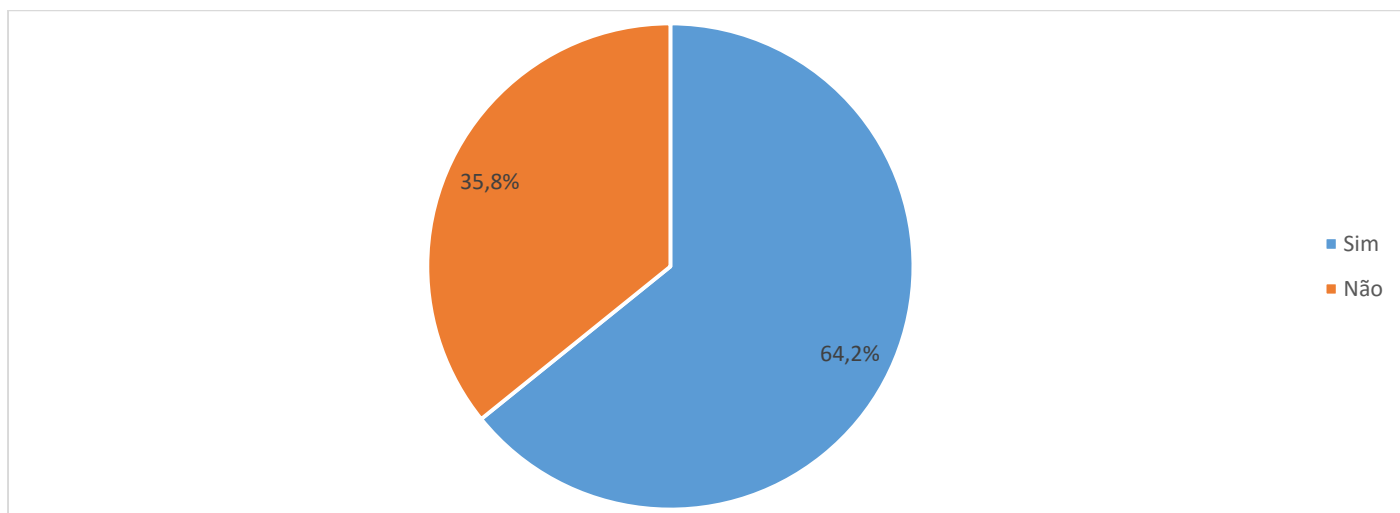
Figura 36 - Atividade exercida depois do abandono do jornalismo



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=257). Edição: OberCom

Cifra-se em aproximadamente 2/3, mais precisamente 64,2%, aqueles que assumem ter já alguma vez ponderado o abandono do jornalismo.

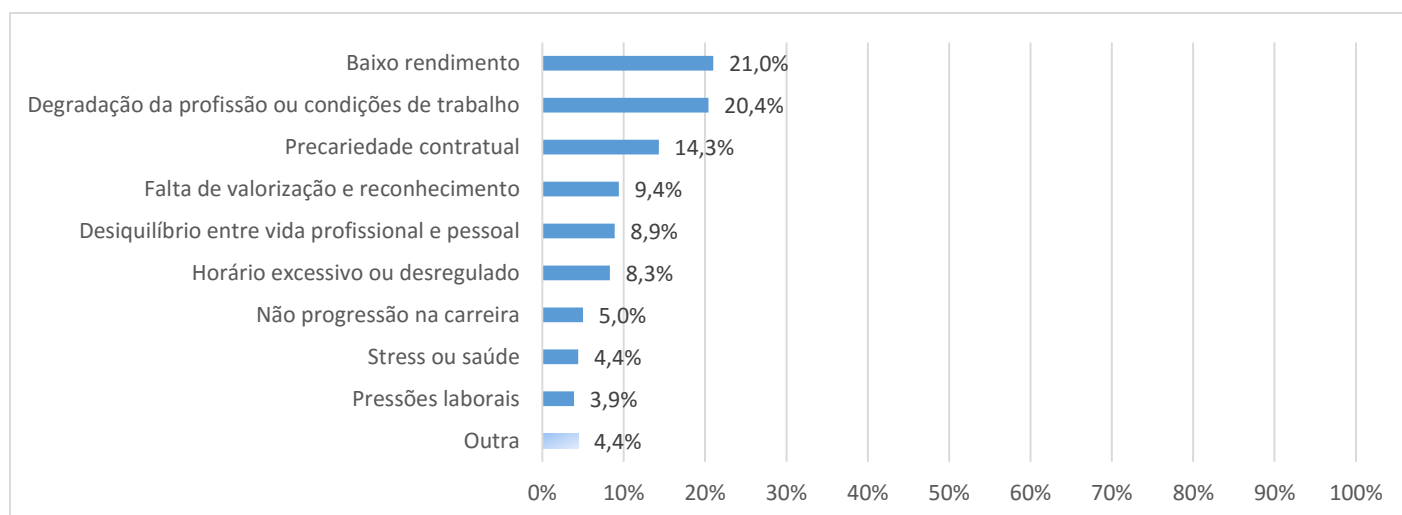
Figura 37 - Ponderou o abandono da profissão



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1323). Edição: OberCom

Entre as razões mais frequentes, que levam os inquiridos a ponderar o abandono da carreira, encontram-se os baixos rendimentos, com 21%, a degradação da profissão ou condições de trabalho, com 20,4%, bem como a precaridade contratual, com 14,3%. Há ainda outros argumentos com menor peso percentual, mas nem por isso com menor relevância, sobretudo quando se pensa em *stress* ou saúde (4,4%), uma vez que, neste aspeto em particular, está em causa o próprio individuo indo muito além das implicações profissionais.

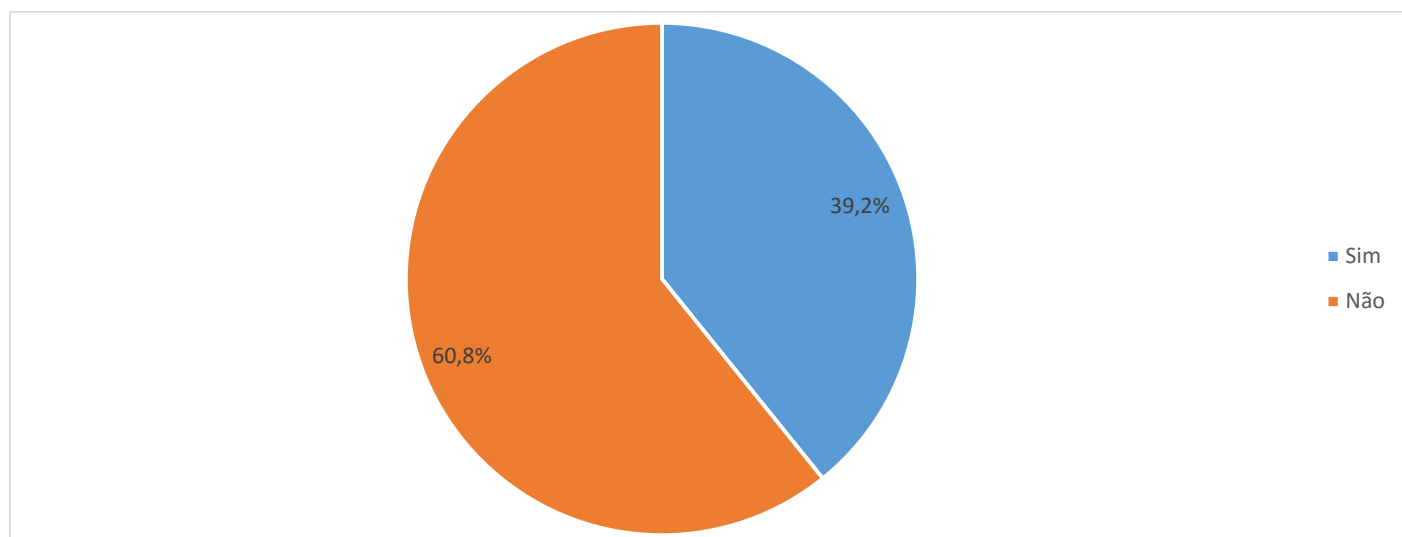
Figura 38 - Razões para ter ponderado o abandono do jornalismo



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=181). Edição: OberCom

Ao longo da carreira já estiveram em situação de desemprego 39,2%, segundo os dados da Figura 39. Não deixa de ser um valor substancial, mas as Figuras seguintes vão permitir um melhor aprofundamento e conhecimento acerca desta realidade.

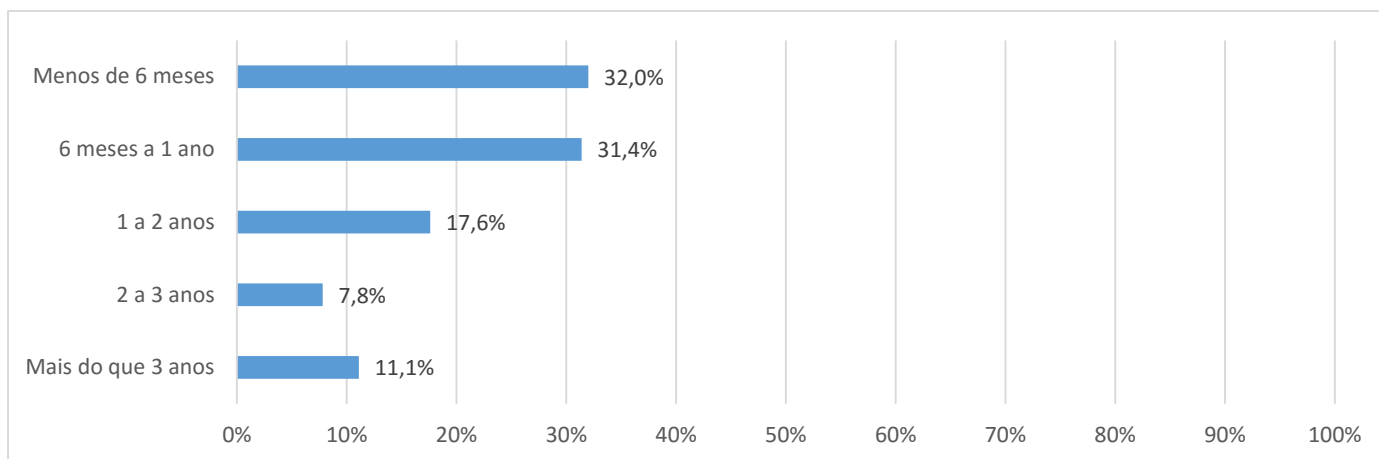
Figura 39 - Desempregado enquanto jornalista



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1320). Edição: OberCom

Entre os que declararam já ter estado na condição de desemprego ao longo do seu trajeto profissional, observa-se que 63,4% estiveram desempregados num período inferior a um ano.

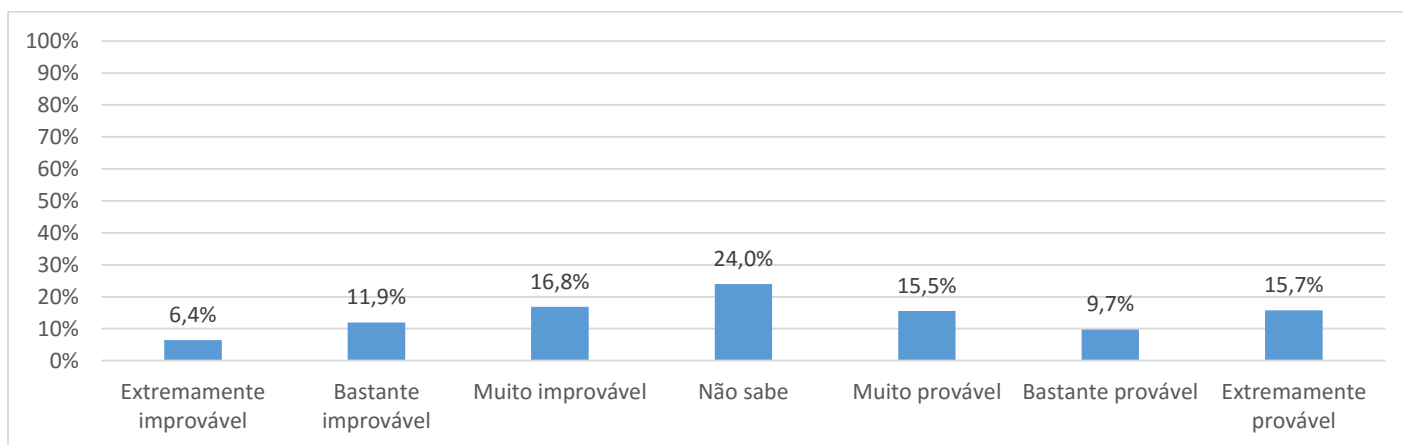
Figura 40 - Duração do período de desemprego



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=520). Edição: OberCom

Dada a natureza da escala de mensuração da questão apresentada na Figura 41, em que é abordada a perceção que os inquiridos têm acerca da possibilidade de poder vir a ficar desempregado, procedeu-se à soma das categorias que agregam a “improbabilidade” de ficar desempregado, por um lado, e a “probabilidade” de o ficar por outro. Com efeito, dever-se-á dizer que a soma dos que acham improvável ficar desempregado ascende aos 35,1%. Por outro lado, os que acham provável registam 40,9%. É óbvio concluir que existe uma maioria que perceciona ser possível que, num futuro próximo, possa ficar sem emprego.

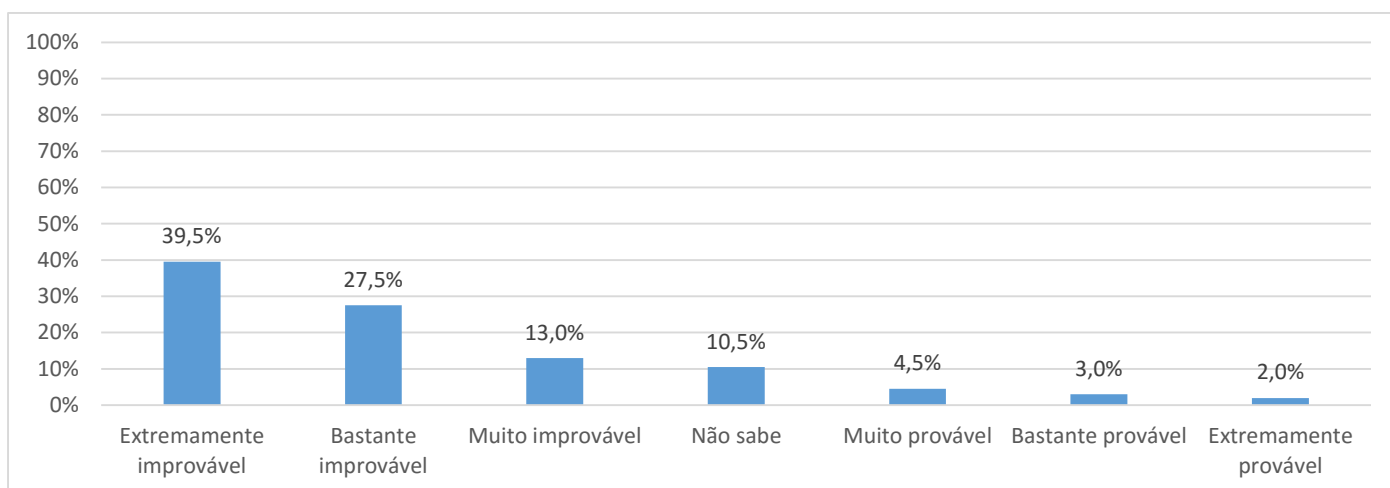
Figura 41 - Possibilidade de ficar desempregado



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1306). Edição: OberCom

Seguindo o mesmo raciocínio analítico, procurou-se confrontar os inquiridos com um cenário hipotético, no qual ao ficar desempregado, como perceciona a possibilidade de voltar a ter uma oportunidade de trabalho no seio da carreira jornalística. Neste sentido, a Figura 42 é taxativa. Genericamente as barras à esquerda (representam uma visão pessimista) são substancialmente maiores do que aquelas apresentadas à direita (representam uma visão otimista). Dito isto, existe uma maioria de jornalistas inquiridos que pensam ser possível ficar desempregado e ainda existe maior proporção daqueles que pensam que ficando desempregado é improvável ter uma nova oportunidade num meio de comunicação social (média=2,3; DP=1,5).

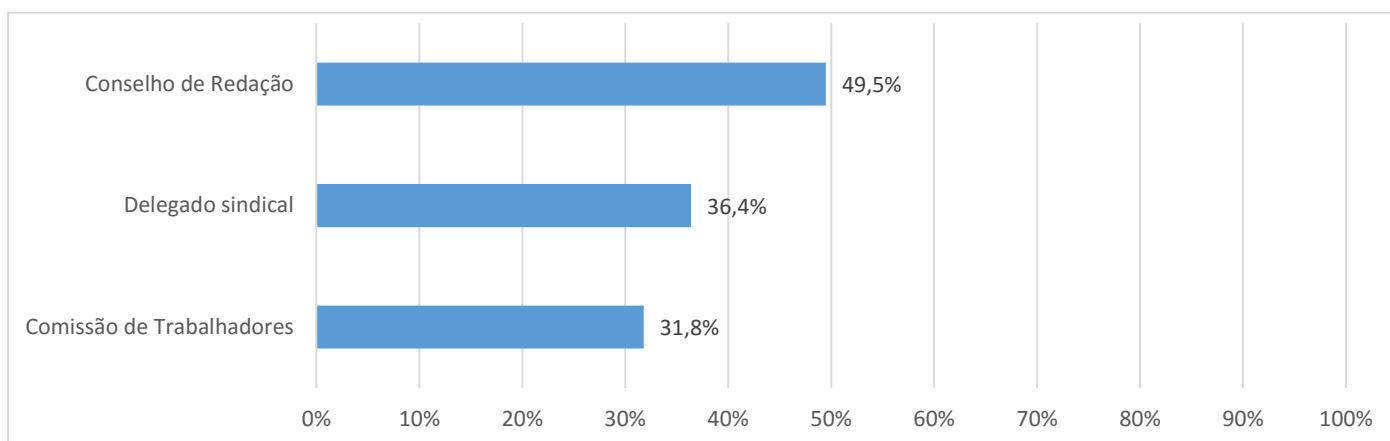
Figura 42 - Possibilidade de arranjar novo trabalho no jornalismo



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1311). Edição: OberCom

Na Figura 43 são apresentados dados acerca da existência de órgãos internos nos diferentes meios de comunicação social. Se no que concerne ao Conselho de Redação 49,5% refere ter este órgão na sua entidade empregadora, a verdade é que os registos tanto da existência de Delegado Sindical (36,4%) e o de Comissão de Trabalhadores (31,8) ficam muito aquém.

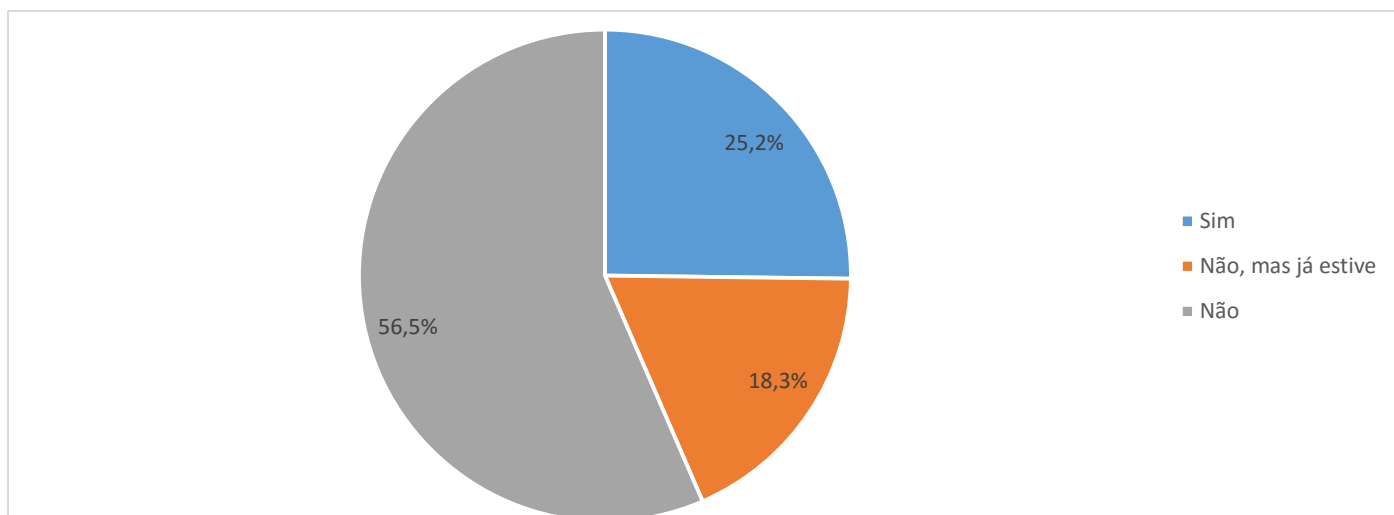
Figura 43 - Órgãos existentes na empresa em que trabalha



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1097). Edição: OberCom

Nesta linha de raciocínio inquiriu-se acerca da condição atual de sindicalizado. A Figura 44 é esclarecedora a este nível. Mais de metade dos inquiridos, mais precisamente 56,5%, admite não estar sindicalizado atualmente. Acrescente-se ainda os 18,3% que já tendo sido, entretanto deixou de o ser. Apenas ¼ refere ser atualmente sindicalizado.

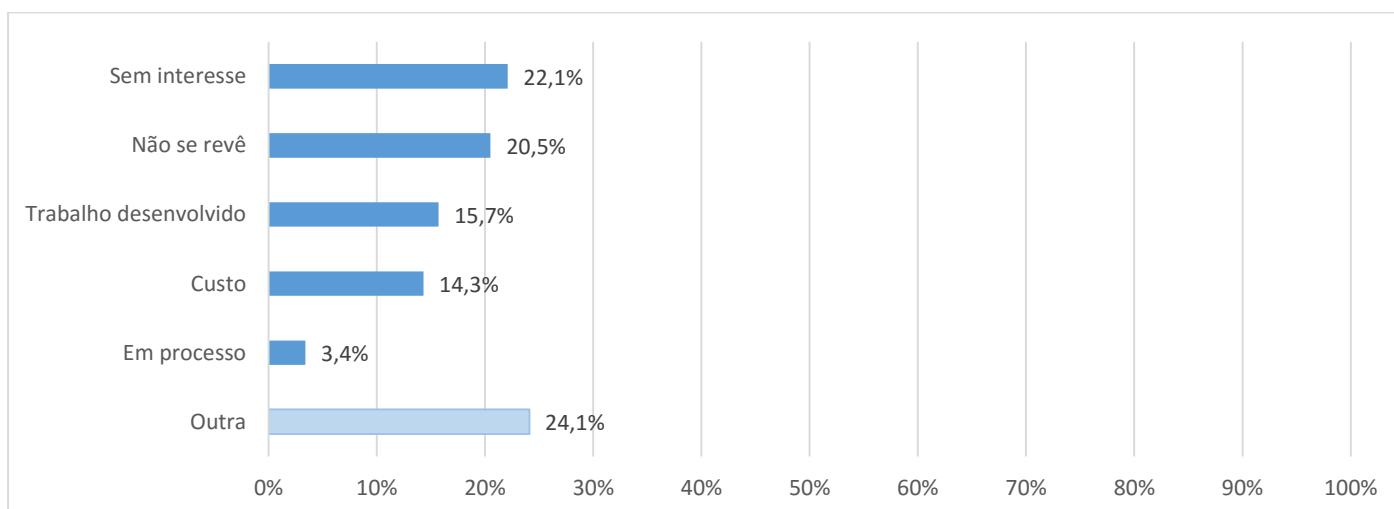
Figura 44 - Sindicalizado no Sindicato dos Jornalistas



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1267). Edição: OberCom

Na esteira das questões anteriores, foi indagada a razão para a não filiação no SJ. A Figura 45 sintetiza as respostas obtidas, nas quais se destacam "sem interesse", com 22,1%, e "não se revê", com 20,5%. Para 14,3% são os custos elevados os inibidores da sindicalização.

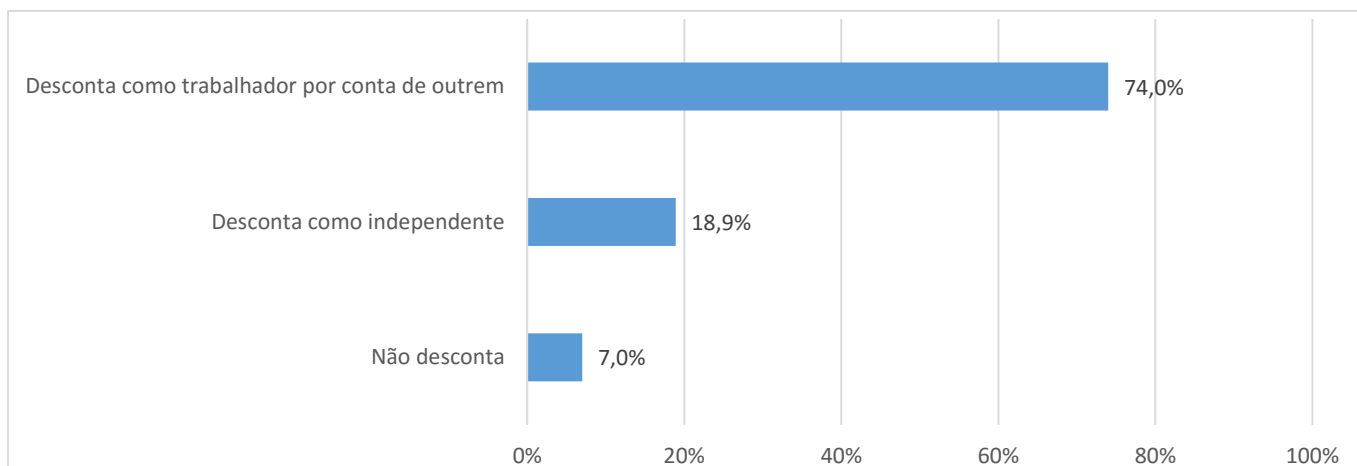
Figura 45 - Razões para não ser sindicalizado



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=498). Edição: OberCom

Quanto à contribuição para a Segurança Social são sensivelmente $\frac{3}{4}$ (74%) os que referem fazê-lo através de um vínculo contratual por contra de outrem. São 7% os que dizem não fazer qualquer contribuição para a Segurança Social.

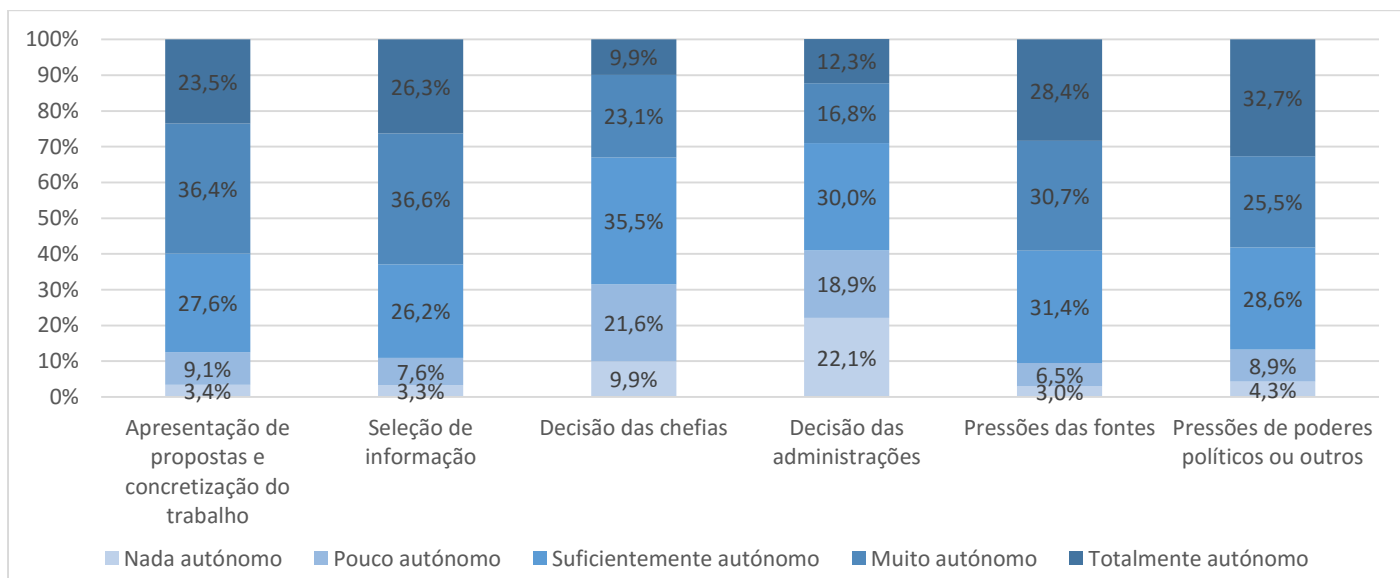
Figura 46 - Descontos para a Segurança Social



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1252). Edição: OberCom

Na avaliação da sua autonomia profissional (Figura 47), os jornalistas inquiridos consideram-se autónomos em relação às pressões externas, visto que apenas 13,2% se diz nada ou pouco autónomo em relação a poderes políticos ou outros, e 9,5% em relação à pressão das fontes. Já no que toca aos fatores internos, os jornalistas consideram a sua autonomia muito mais afetada: 31,5% dizem ser pouco ou nada autónomos em relação às decisões das chefias, e 41% em relação às decisões das administrações, o que são valores muito elevados de condicionalismo profissional. Se olharmos para as baixas percentagens dos que se dizem totalmente autónomos em relação às chefias (9,9%) e às administrações (12,3%), então fica reforçada a baixa autonomia dos jornalistas. Em relação à apresentação de propostas e à seleção de informação os jornalistas consideram-se muito mais autónomos, com apenas 12,5% (propostas) e 10,9% (seleção) a dizerem ser pouco ou nada autónomos.

Figura 47 - Autonomia profissional

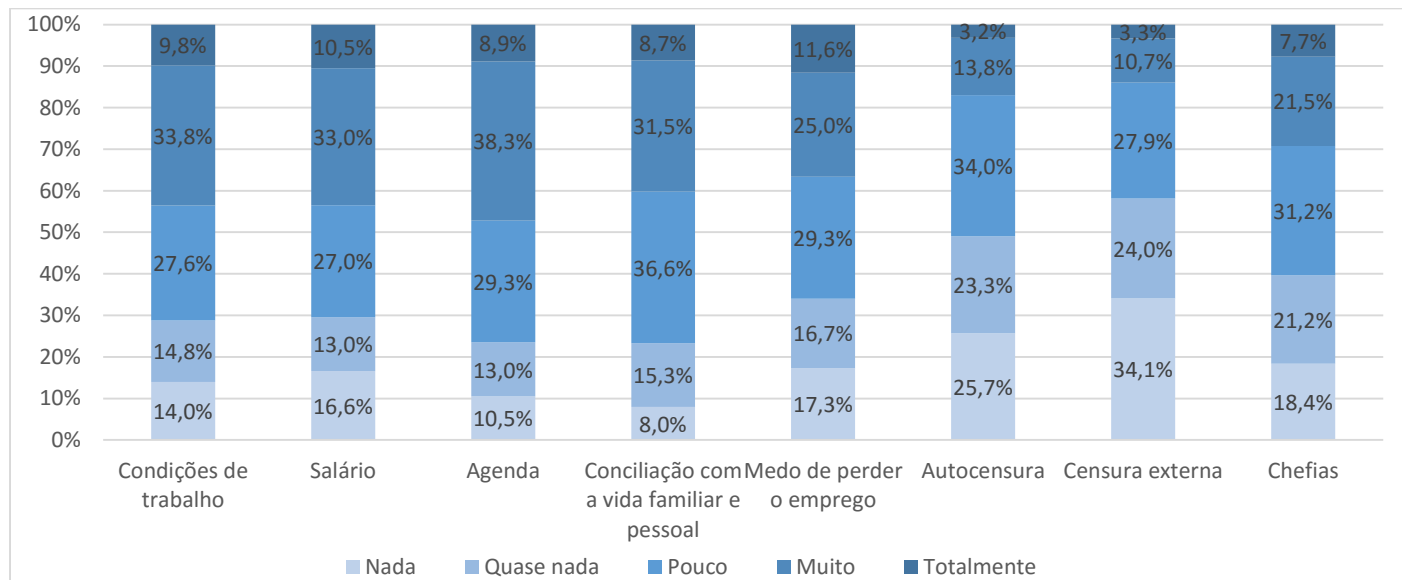


Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (Apresentação de propostas e concretização do trabalho n=1233; Seleção de informação n=1213; Decisão das chefias n=1209; Decisão das administrações n=1198; Pressões das fontes n=1211; Pressões de poderes políticos ou outros n=1207). Edição: OberCom

Os jornalistas inquiridos em 2016 consideram que o exercício livre da sua profissão é muito condicionado (Figura 48). O maior condicionalismo é a agenda (47,2%), seguida das condições de trabalho (43,6%) e do salário (43,5%). A conciliação com a vida pessoal e familiar é outro grande condicionalismo (40,2%), bem como o medo de perder o

emprego, que é uma preocupação para 36,6%. Os inquiridos indicam também as chefias como grande condicionalismo, já que 29,2% se consideram limitados pela hierarquia. Curiosamente, os profissionais são muito mais otimistas em relação à censura externa (14%) e à autocensura (17%). Em relação à produção jornalística, será desejável uma menor colagem à agenda marcada por entidades exteriores, mais autonomia em relação às chefias e maior proteção em relação à censura externa e a pressões que levem à autocensura.

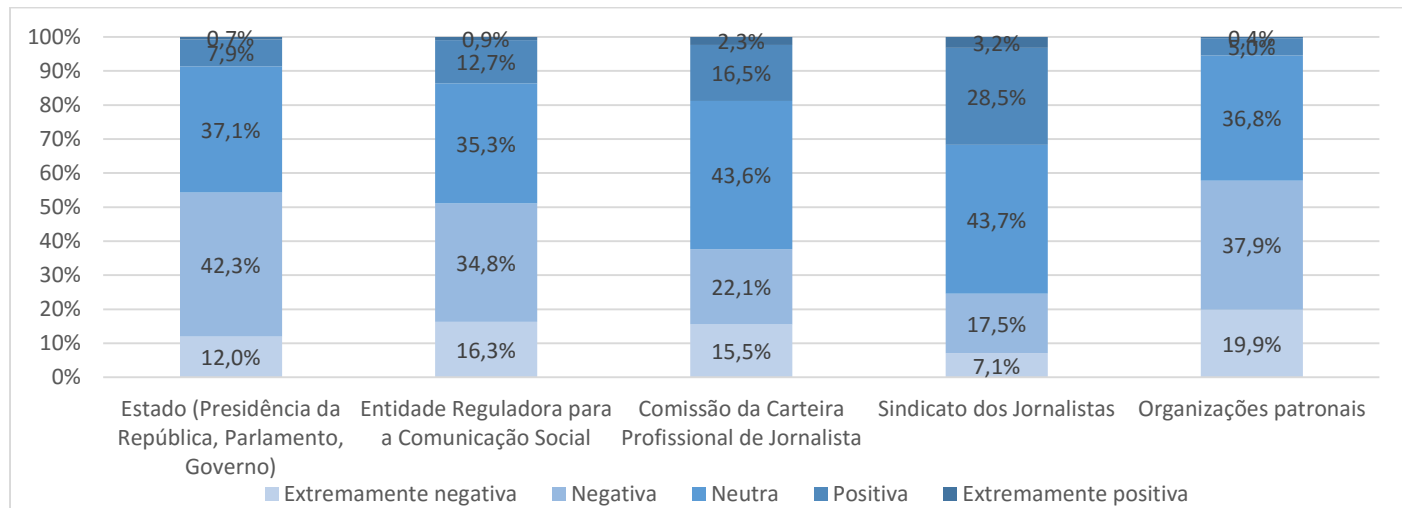
Figura 48 - Condicionamentos ao exercício profissional



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (Condições de trabalho n=1232; Salário n=1220; Agenda n=1213; Conciliação com a vida familiar e pessoal n=1224; Medo de perder o emprego n=1222; Autocensura n=1216; Censura externa n=1224; Chefias n=1221). Edição: OberCom

O jornalismo como atividade fundamental das democracias e sociedades ocidentais está permanentemente em ligação com outros diferentes poderes e instituições. Neste sentido, foi objeto de inquirição a perceção que os inquiridos, enquanto profissionais do jornalismo, têm da relação deste com diversas instituições. Uma nota geral e transversal aos cinco indicadores que compõem esta questão em particular diz respeito à posição neutra. Em três das cinco questões: "Estado", "ERC" e "Organizações patronais" as opiniões são maioritariamente negativas. Deste modo, sobram CCPJ e SJ que, não tendo uma maioria de opiniões positivas, desperta alguma indiferença com as categorias "neutra" a registarem respetivamente 43,6% e 43,7%.

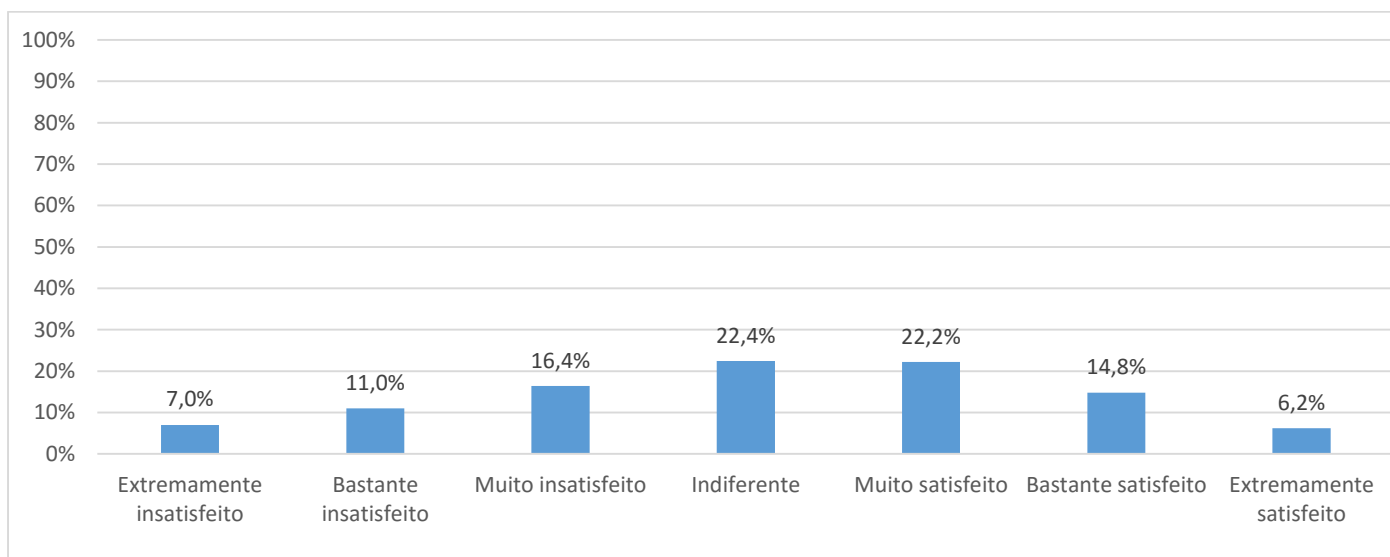
Figura 49 - Avaliação relativamente ao setor dos media



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (Estado (Presidência da República, Parlamento, Governo) n=1222; Entidade Reguladora para a

Para terminar a presente secção, onde se procurou conhecer as condições laborais dos profissionais inquiridos, apresentam-se os dados obtidos em três questões, que se podem constituir como via privilegiada para equacionar a profissão no seio do projeto biográfico de cada um dos entrevistados, bem como a satisfação profissão. Na Figura 50 apresentam-se os dados relativos à satisfação com a profissão. No total das três categorias que representam satisfação profissional contam-se 43,2%. Por oposição, são 34,4% aqueles que manifestam sentimento de insatisfação profissional (média=4,1; DP=1,6).

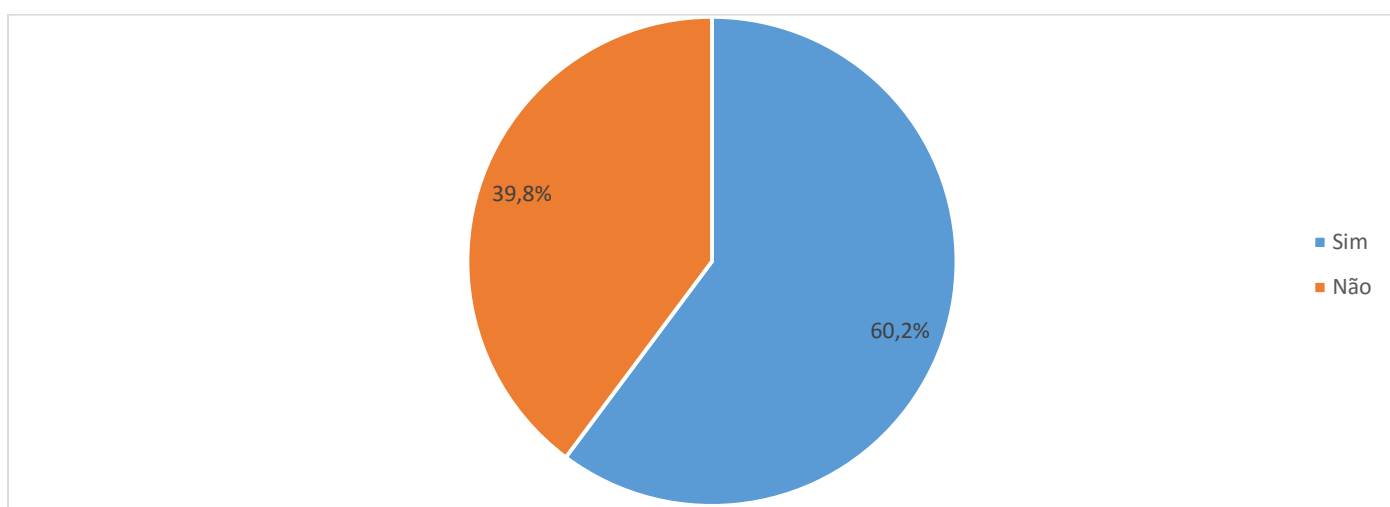
Figura 50 - Nível de satisfação com a profissão de jornalista



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1259). Edição: OberCom

Questionados sobre o cenário hipotético de iniciar novamente a carreira de jornalista, quase 2/3 dos inquiridos (60,2%) mencionam que o fariam novamente. Ainda assim, são quase 40% os que dizem que não o fariam, o que não deixa de ser um valor bastante considerável.

Figura 52 - Voltava a iniciar a sua carreira como jornalista

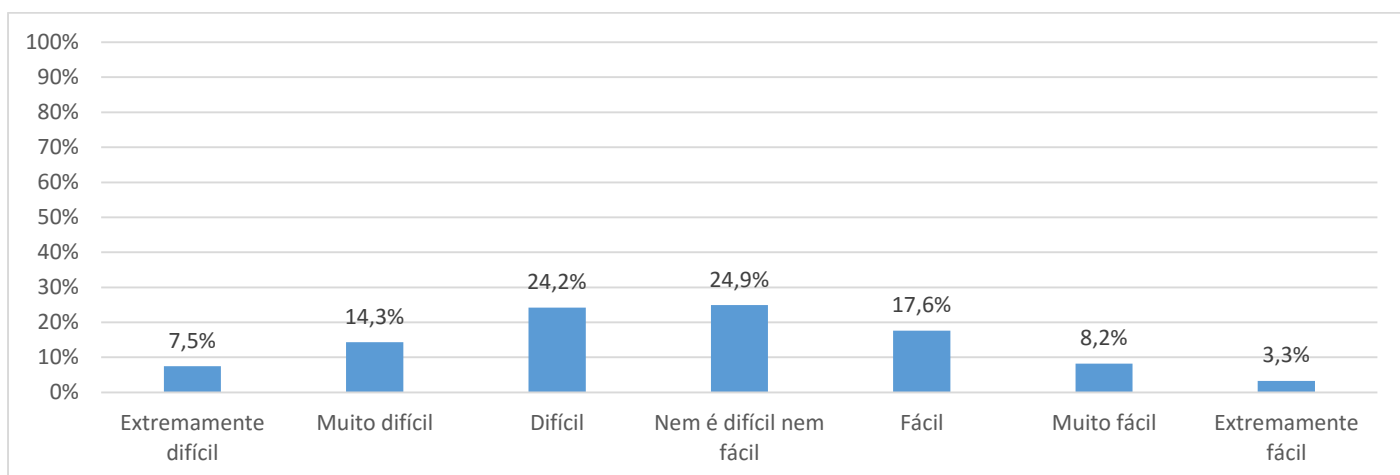


Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1249). Edição: OberCom

No que concerne à percepção da conciliação da vida familiar com as responsabilidades profissionais, são proporcionalmente mais os que veem como difícil a articulação entre os dois campos. Em termos numéricos são 46%

os que dizem ser difícil conciliar a vida pessoal e profissional, ao passo que são 29,1% aqueles que percecionam este processo como fácil (média=3,7; DP=1,5).

Figura 51 – Conciliação entre a vida profissional e pessoal

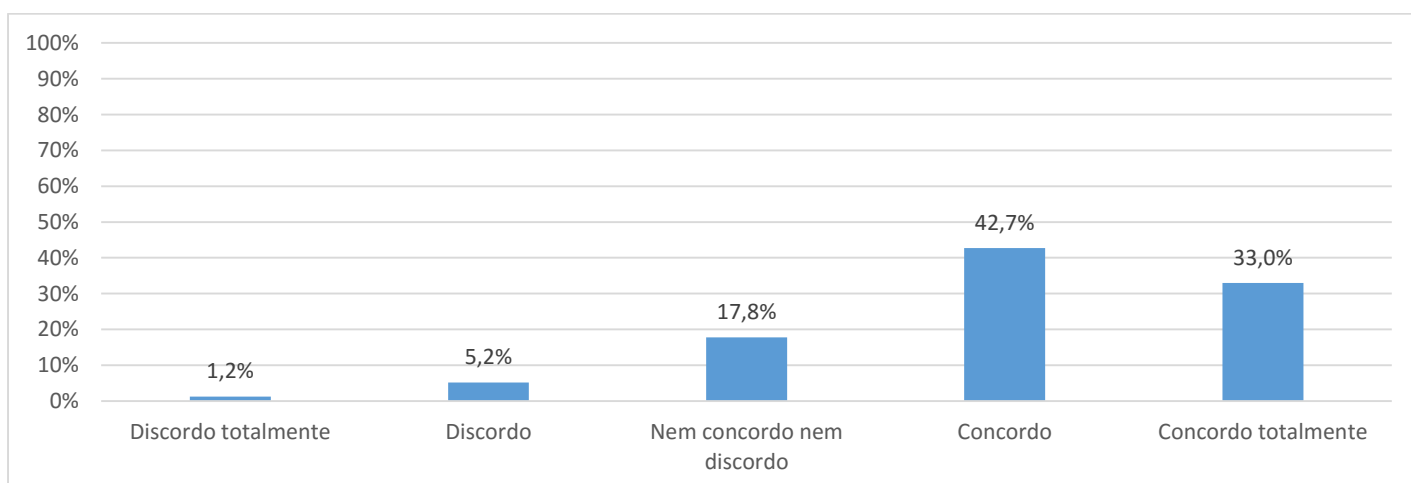


Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1486). Edição: OberCom

Perceções e cenários futuros do jornalismo

Nesta última secção serão abordados vários aspetos relevantes para perceber o jornalismo na atualidade, mas sobretudo num plano prospetivo. A linha condutora desta última bateria de questões será confrontar o inquirido com cenários hipotéticos. Todas elas têm a mesma escala (*Likert*) de mensuração, composta por cinco categorias. Neste sentido, procurou-se saber como é perspectivada a evolução para um suposto aumento das peças produzidas. Sensivelmente 2/3 dos inquiridos concorda com o cenário de aumento da pressão para produzir mais trabalhos jornalísticos (média=4,0; DP=0,9).

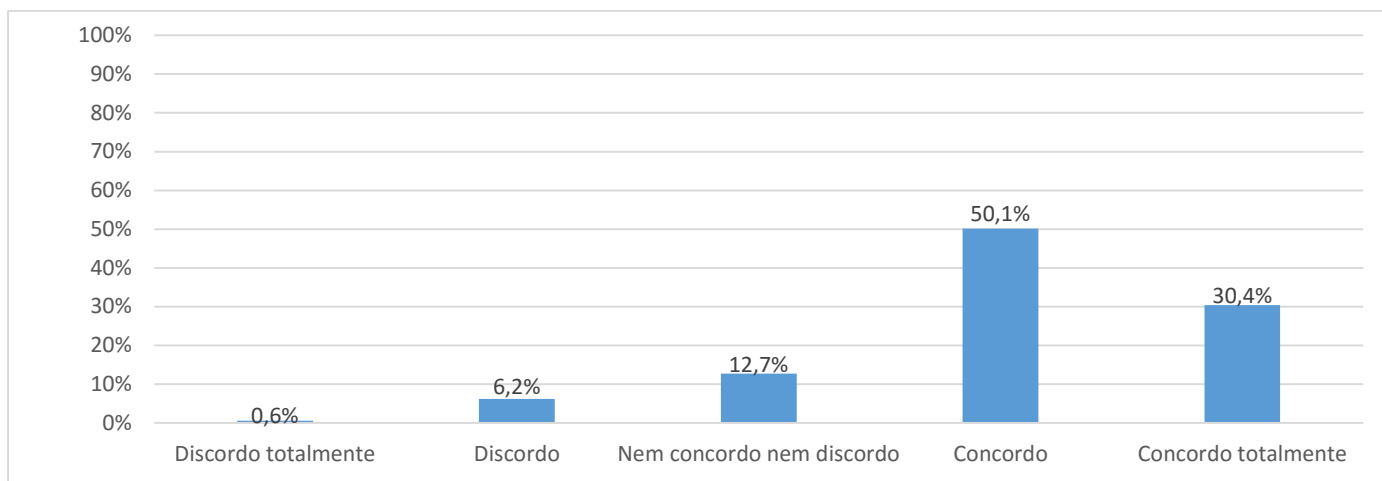
Figura 53 - A pressão para produzir mais peças jornalísticas vai aumentar no futuro



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1240). Edição: OberCom

Na mesma linha, é equacionada a possibilidade de no futuro os profissionais do jornalismo nunca estarem completamente desligados das suas responsabilidades. Pelo menos esse é o cenário possível para mais de 80% dos inquiridos. Discordantes deste cenário somam 6,4% no conjunto das duas categorias que expressam discordância (média=4,0; DP=0,9).

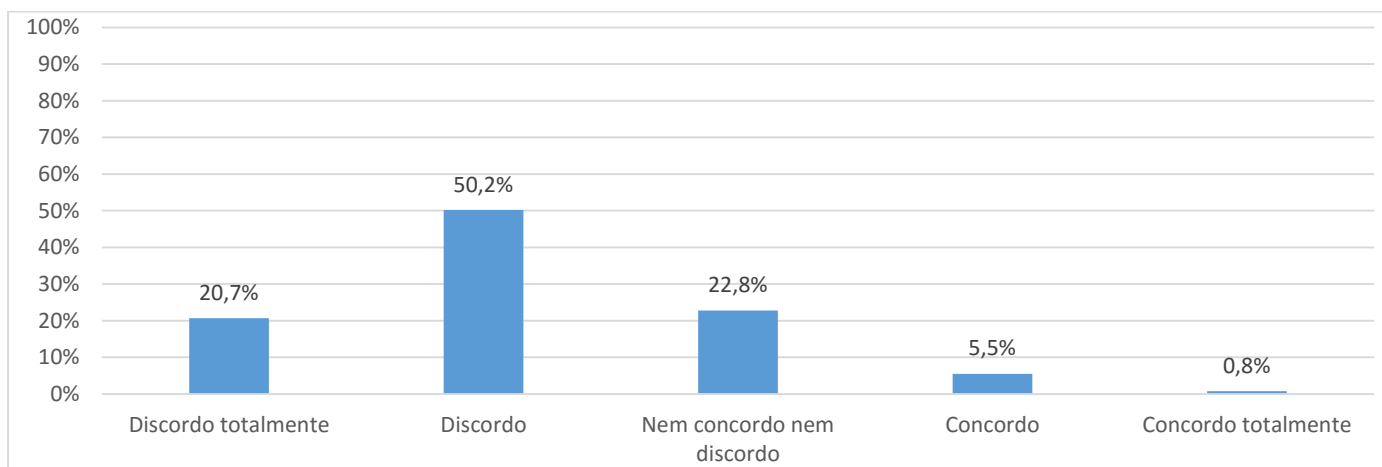
Figura 54 - Os jornalistas nunca estarão completamente desligados do trabalho, mas sempre a trabalhar



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1241). Edição: OberCom

Existe um elevado nível de discordância com a premissa de que o jornalismo no futuro será fonte de maior satisfação. Cifra-se em 70,9% aqueles que discordam desta perspetiva (média=2,2; DP=0,8).

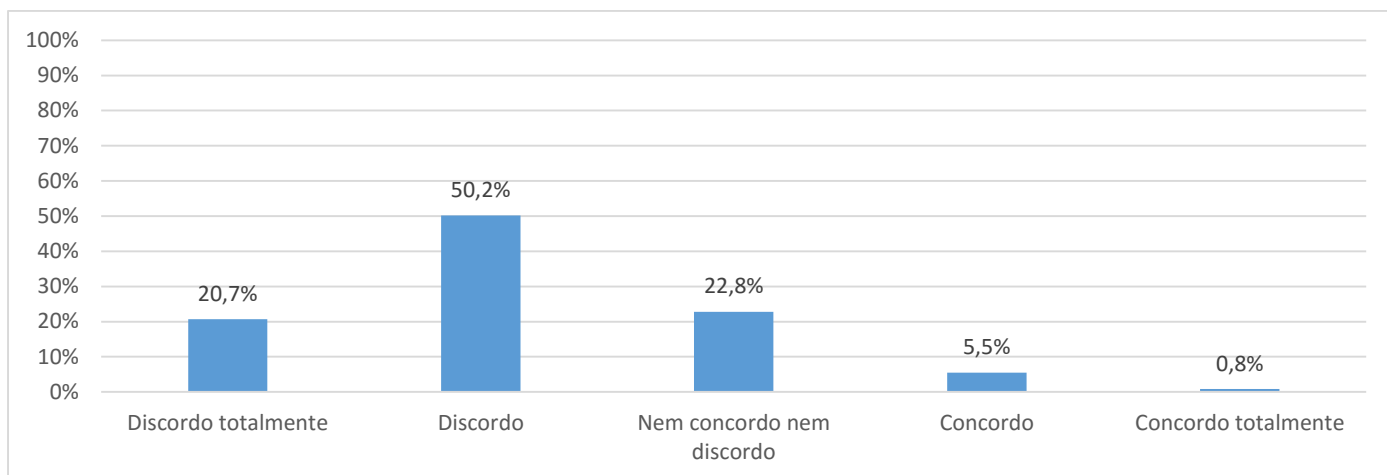
Figura 55 - No futuro o jornalismo será uma atividade mais satisfatória e compensadora em termos pessoais



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1244). Edição: OberCom

É no sentido de maior autonomização da profissão jornalística o cenário de futuro esboçado pelos inquiridos, de acordo com a Figura 56. No fundo são 70,7% os que discordam quando confrontados com a ideia de perda de autonomia por parte dos jornalistas no futuro (média=3,6; DP=1,1).

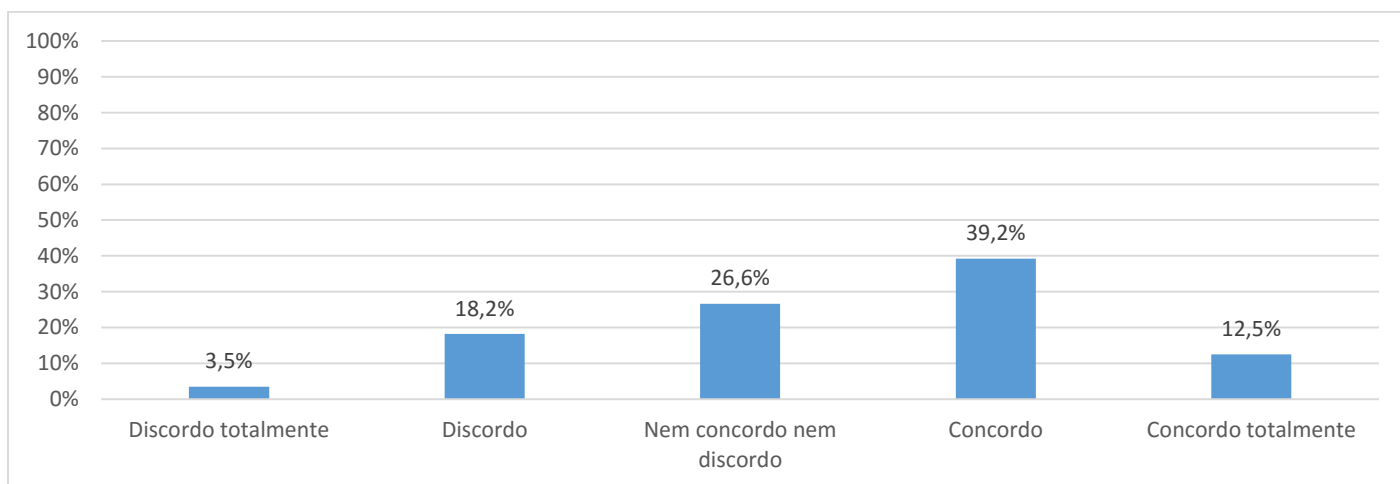
Figura 56 - Os jornalistas terão, no futuro, menor independência e autonomia do que tiveram no passado



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1239). Edição: OberCom

Na Figura 57 são apresentados os dados da questão que punha como cenário a possibilidade/ necessidade de no futuro o profissional do jornalismo ter de criar a sua própria marca. Existe uma maioria, que se cifra nos 51,7%, que concordam que esse é um cenário possível num futuro próximo (média=3,4; DP=1,0).

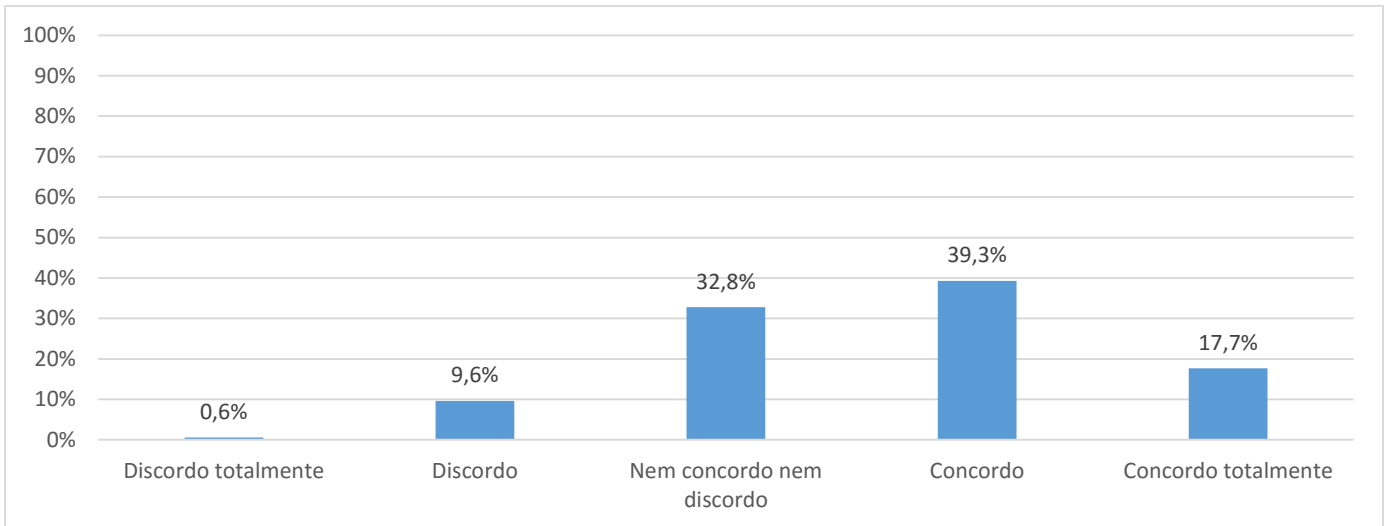
Figura 57 - Os jornalistas terão de criar a sua marca pessoal através das redes sociais, blogs, eventos publicitários



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1239). Edição: OberCom

Na linha do que anteriormente já se tinha identificado, o *stress* associado ao desempenho do jornalismo é percebido como um dos problemas de futuro na profissão. Entre os que concordam com esta premissa contabilizam-se 57% dos inquiridos. Apenas 10,2% discordam (média=3,6; DP=0,9).

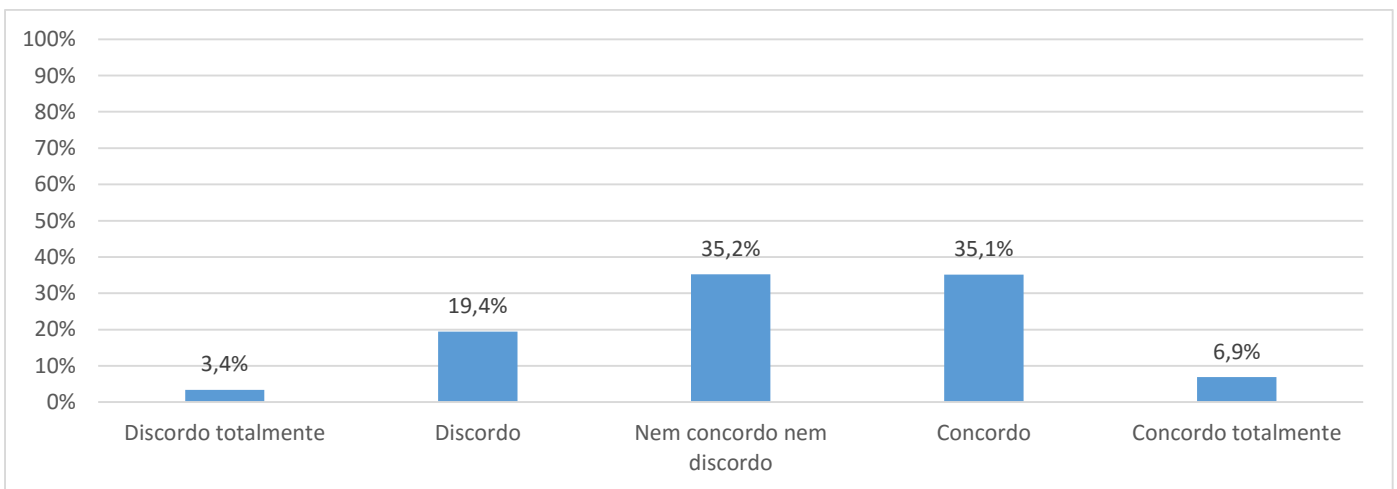
Figura 58 - No futuro, o jornalismo será uma atividade mais stressante do que qualquer outra profissão liberal



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1239). Edição: OberCom

Ainda que não sejam majoritários, são em maior proporção aqueles que acreditam que o campo do jornalismo no futuro vai necessitar de mais iniciativa empreendedora por parte do jornalista, para assim singrar no domínio jornalístico. Em termos qualitativos, pode constatar-se através da Figura 59, que são 42% aqueles que acreditam na maior iniciativa empreendedora do próprio jornalista no futuro, ao passo que existem 22,8% a discordar (média=3,2; DP=1,0).

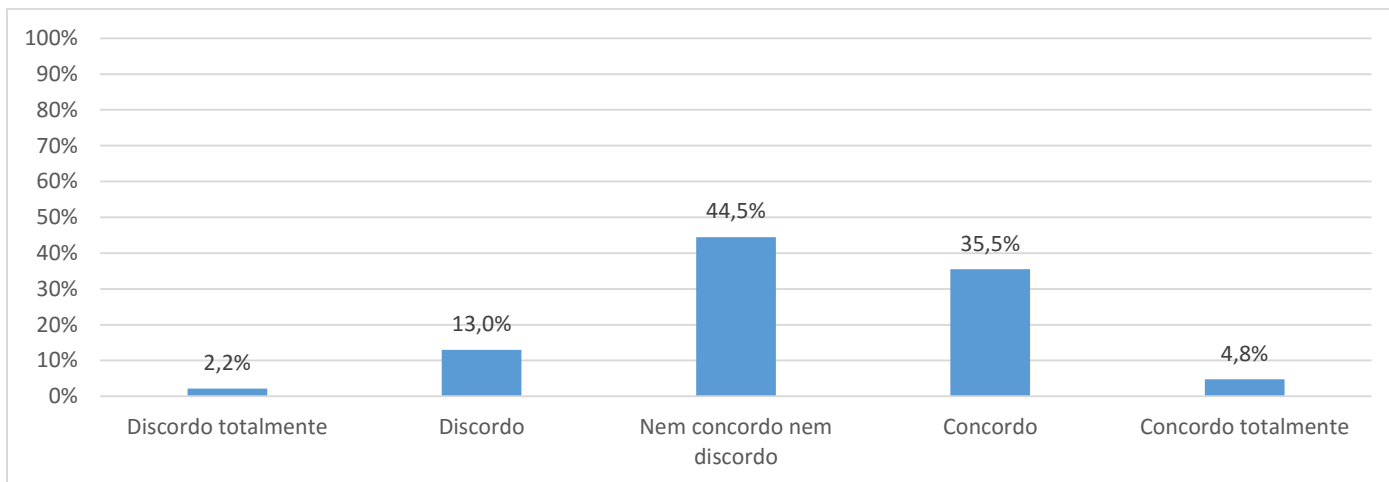
Figura 59 - Os jornalistas vão tornar-se cada vez mais empreendedores no futuro, criando as suas próprias empresas



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1232). Edição: OberCom

Esta é uma questão que provoca um elevado nível daquilo a que designaríamos como indiferença, uma vez que são 44,5% os inquiridos que nem concordam nem discordam. Ainda assim, são em maior proporção (40,8%), comparativamente aos 15,2% que discordam (média=3,3; DP=0,8).

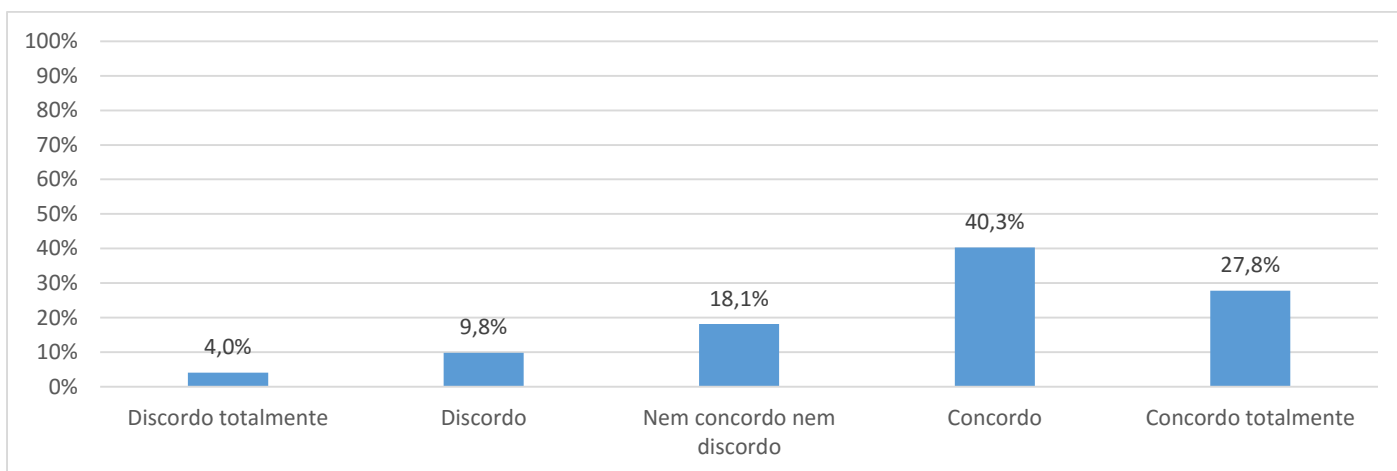
Figura 60 - Haverá cada vez mais jornalistas a trabalhar para organizações de media com fins não-lucrativos



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1234). Edição: OberCom

A diversificação do mercado laboral para jornalistas está bem plasmada na Figura 61. Quando questionados como perspetivam a possibilidade dos jornalistas ao longo de toda a sua trajetória profissional nunca chegarem a trabalhar para uma empresa de comunicação social, 68,1% afirmam concordar com essa asserção no futuro (média=3,8; DP=1,1).

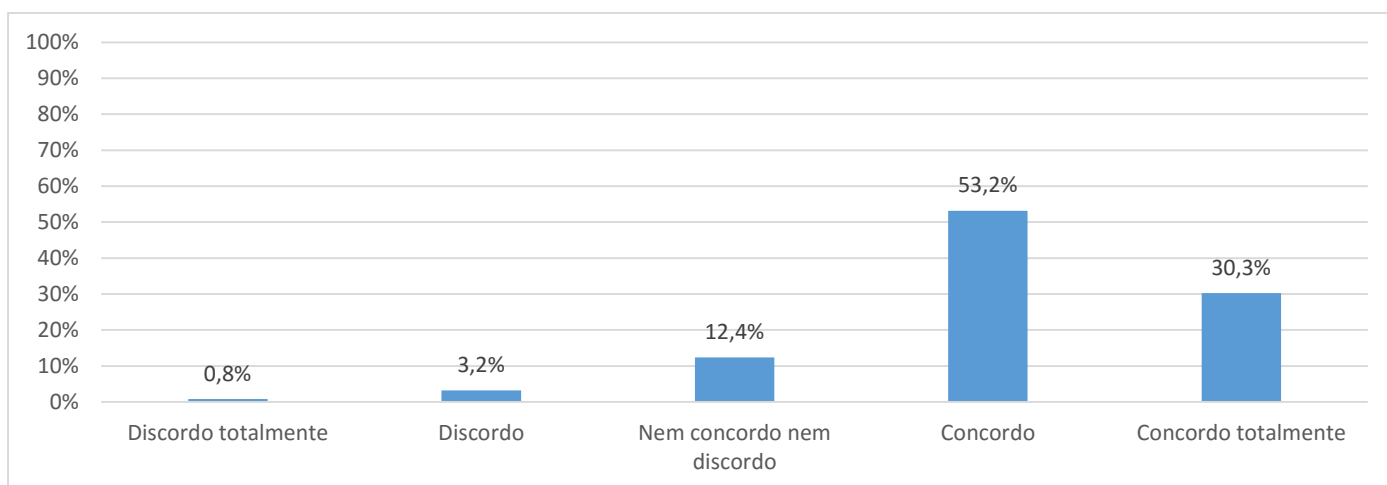
Figura 61 - No futuro, os jornalistas não irão trabalhar para uma única organização de media ao longo de toda a sua vida profissional



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1235). Edição: OberCom

Também quanto à perspetiva da tendência futura relativa às regalias e remuneração, o “cenário” é visto com algum pessimismo. Ora, mais de 80% dos inquiridos menciona que está de acordo com a ideia de que a remuneração e outras regalias irão diminuir no futuro. Apenas 4% discordam desta premissa (média=4,1; DP=0,8).

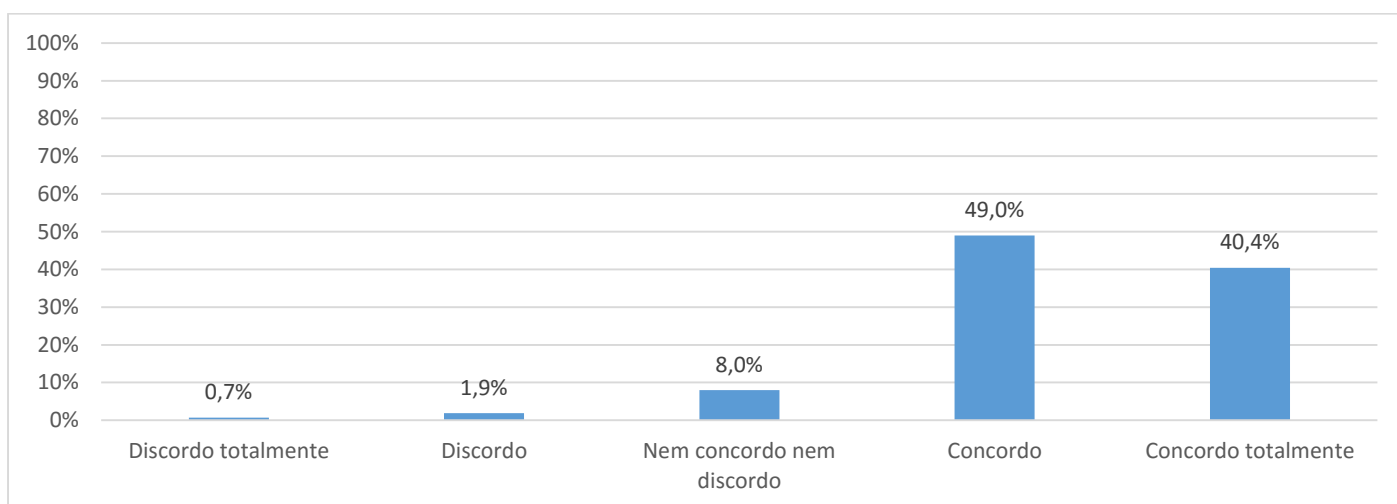
Figura 62 - A remuneração e as regalias irão diminuir para a maioria dos jornalistas



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1238). Edição: OberCom

É também na mesma ordem de grandeza, mais precisamente 89,4%, aqueles que acreditam que no futuro assistir-se-á a uma progressiva degradação laboral no seio do jornalismo, em particular com vínculos contratuais mais precários e incertos, como se pode observar na Figura 63 (média=4,3; DP=0,7).

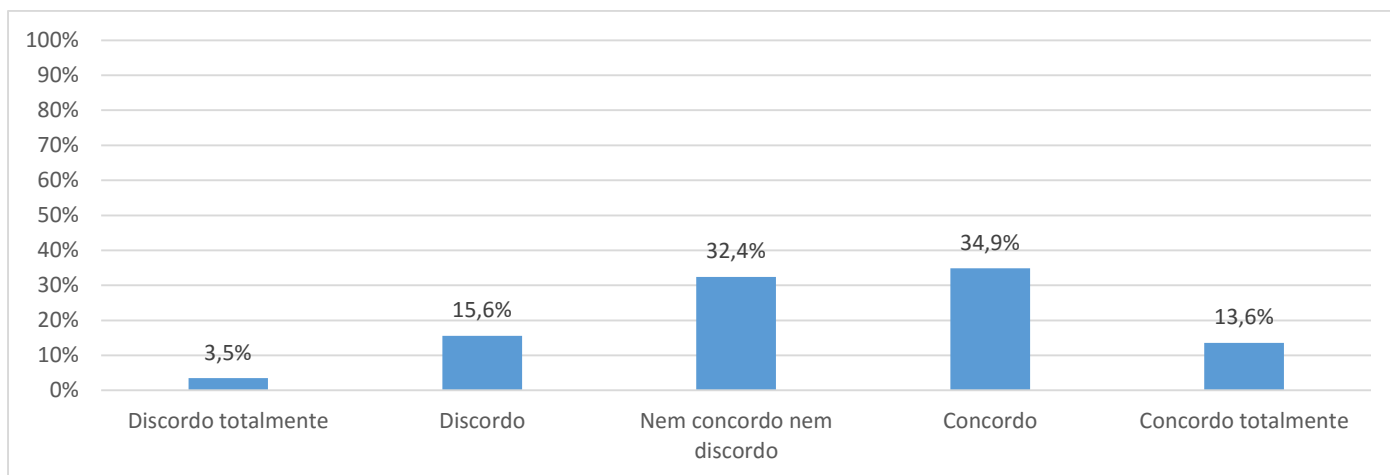
Figura 63 - No futuro, o trabalho como jornalista será cada vez mais precário e incerto



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1238). Edição: OberCom

Na Figura 64 estão ilustrados os dados apurados acerca da premissa que afirma que a tendência futura será o jornalismo, enquanto atividade profissional, ser exercida em *part-time*, como uma das fontes de rendimento do profissional. Cifra-se em 48,5% o nível de concordância em torno desta premissa. O que não deixa de ser um valor bastante significativo, sobretudo se comparado como a postura de discordância, que regista 19,1% (média=3,4; DP=1,0).

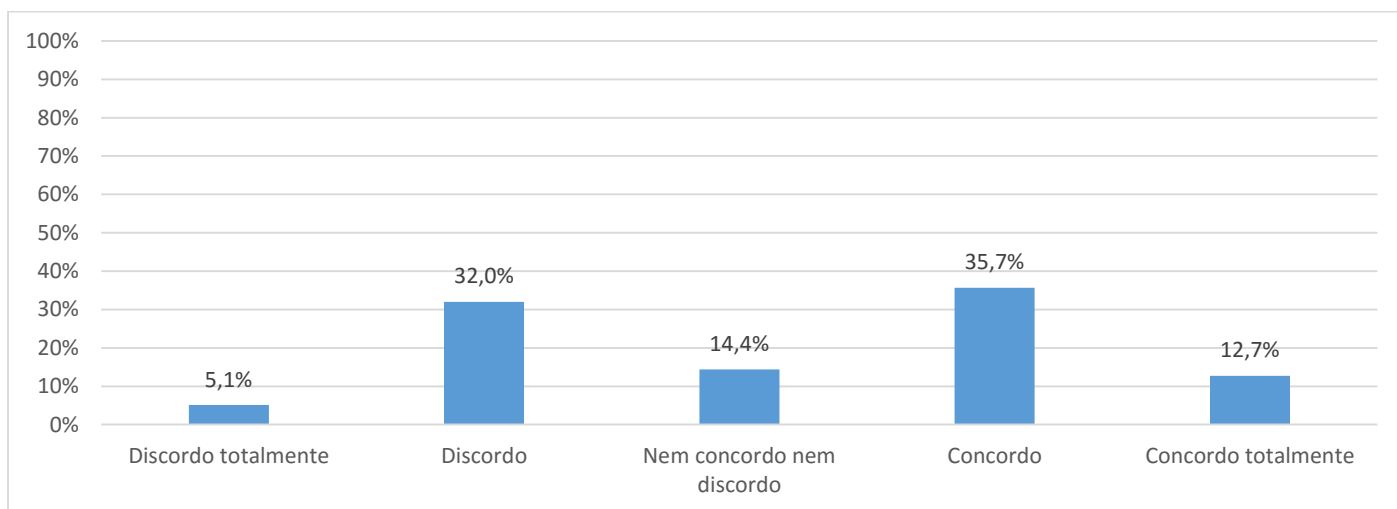
Figura 64 - No futuro, o jornalismo será exercido em *part-time*, por pessoas que se sustentam com rendimentos de outro tipo de trabalhos



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1239). Edição: OberCom

Uma questão aparentemente fraturante é a asserção que diz que “o jornalismo é a aplicação de um conjunto de práticas e técnicas fundamentais, que não dependem do meio de publicação”. Deste modo, encontram-se do lado da concordância 48,4%, por seu lado, a postura de discordância reúne 37,1% (média=3,2; DP=1,2).

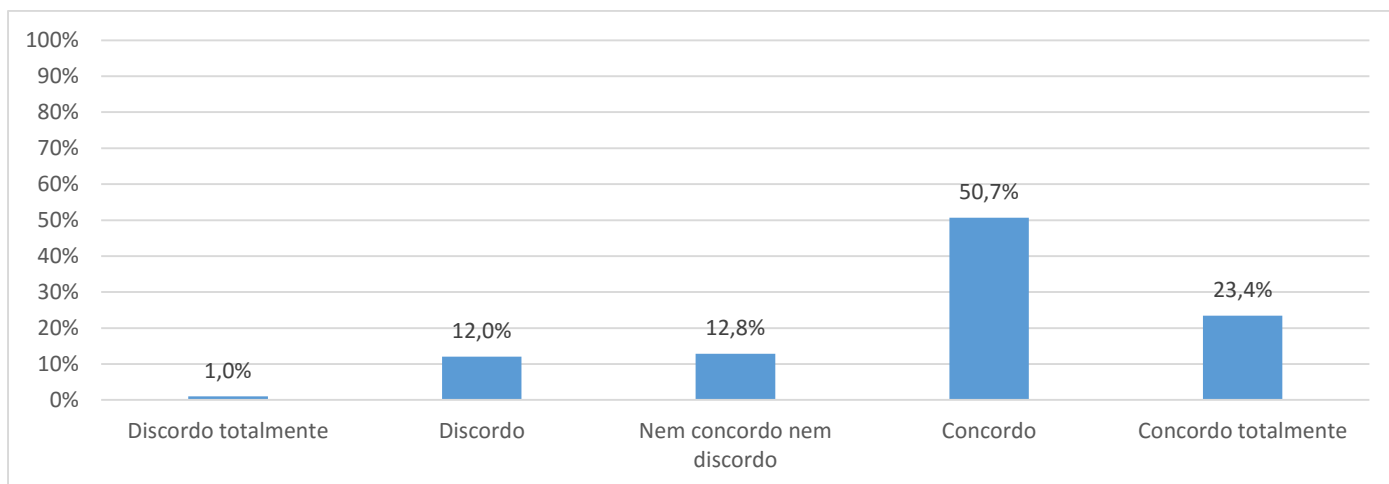
Figura 65 - O jornalismo é a aplicação de um conjunto de práticas e técnicas fundamentais, que não dependem do meio de publicação



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1218). Edição: OberCom

A visão de que o jornalismo é uma atividade eminentemente em equipa é de central importância e nessa medida, reúne um vasto consenso, ao atingir os 74,1%. A discordância não ultrapassa os 13% (média=3,8; DP=1,0).

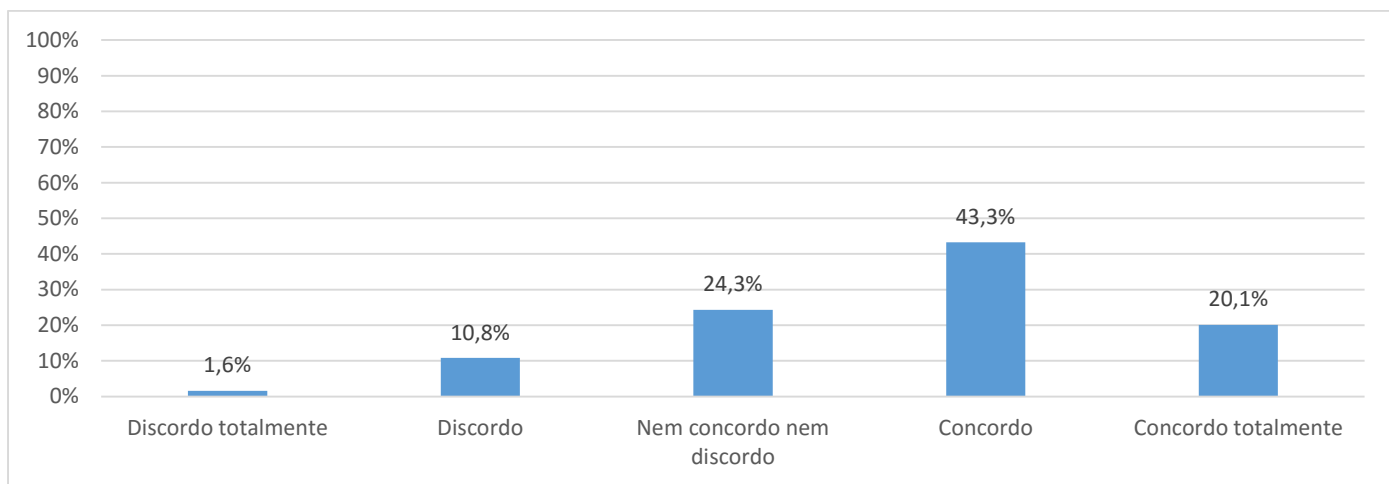
Figura 66 - O jornalista precisa de trabalhar em equipa com outros jornalistas para desenvolver o seu trabalho e manter a qualidade



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1220). Edição: OberCom

A criação de uma associação profissional que represente os interesses dos jornalistas e do jornalismo em termos mais genéricos reúne algum consenso, isto é, para cerca de 63,4% esta seria uma opção positiva. Apenas 12,4% discordam desta medida (média=3,7; DP=1,0).

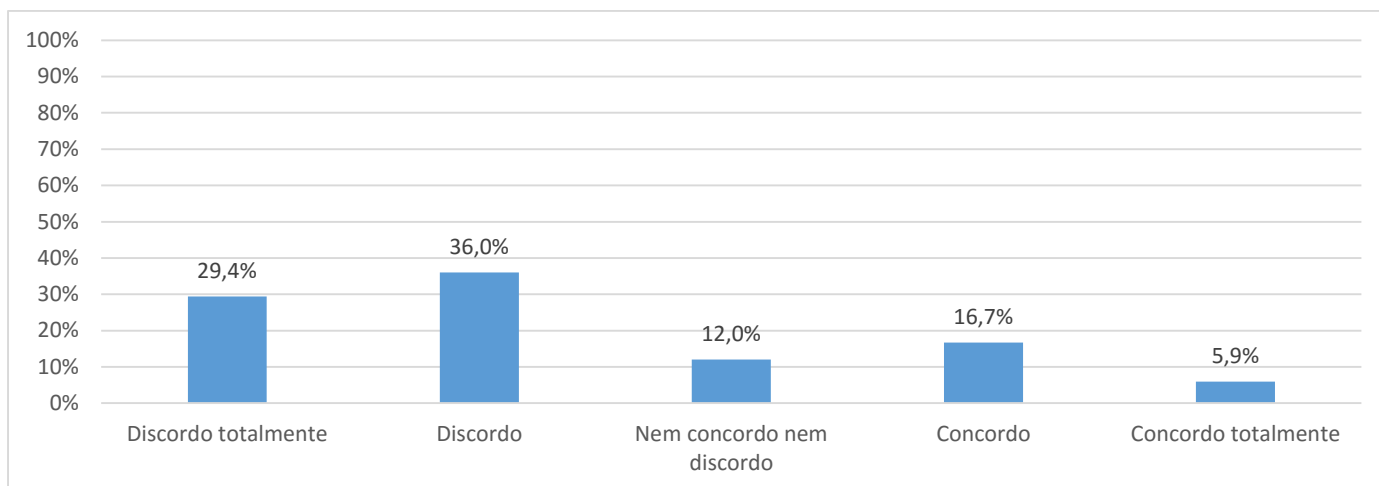
Figura 67 - O jornalista deve estar ligado a uma associação profissional que represente os interesses do jornalismo e dos jornalistas



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1216). Edição: OberCom

Por outro lado, e numa reação que se pode entender como corporativa, os jornalistas inquiridos discordam (65,4%) da ideia de que tirar fotografias, filmar e escrever sobre acontecimentos seja percebido como jornalismo. É uma questão que deixa poucos indiferentes, uma vez que se registam apenas 12% de "nem concordo nem discordo" (média=2,3; DP=1,2).

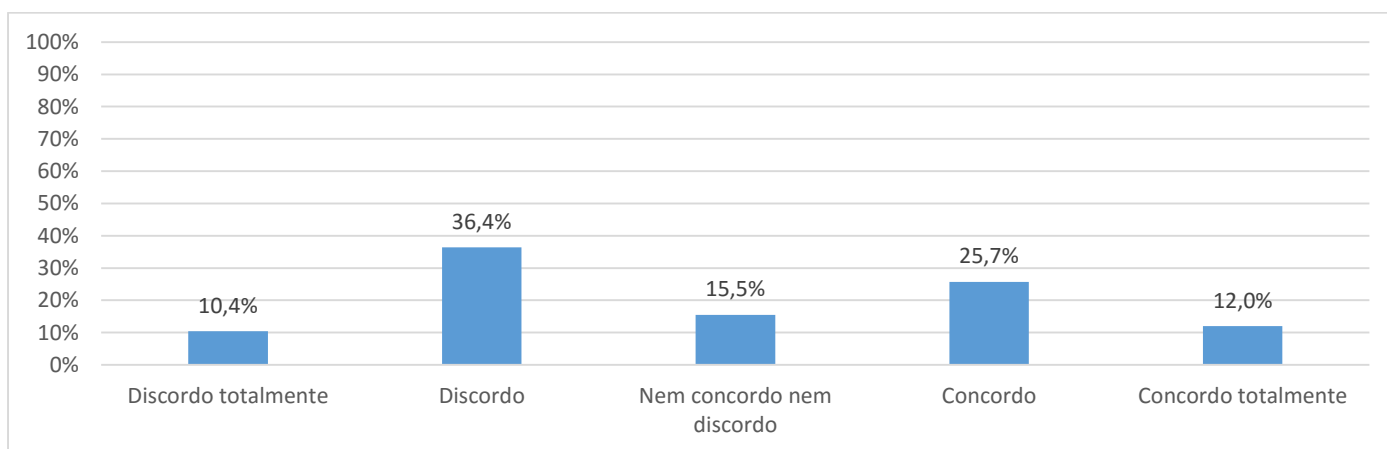
Figura 68 - Pessoas que fotografam, filmam ou escrevem sobre acontecimentos, nas redes sociais ou blogs, agem como jornalistas



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1217). Edição: OberCom

Contudo, na Figura 69, confrontados com a questão de que só é jornalista quem trabalha para uma empresa de media reconhecida como tal, são maioritários os que discordam (46,8%), comparativamente aos 37,7% que estão de acordo (média=2,9; DP=1,2).

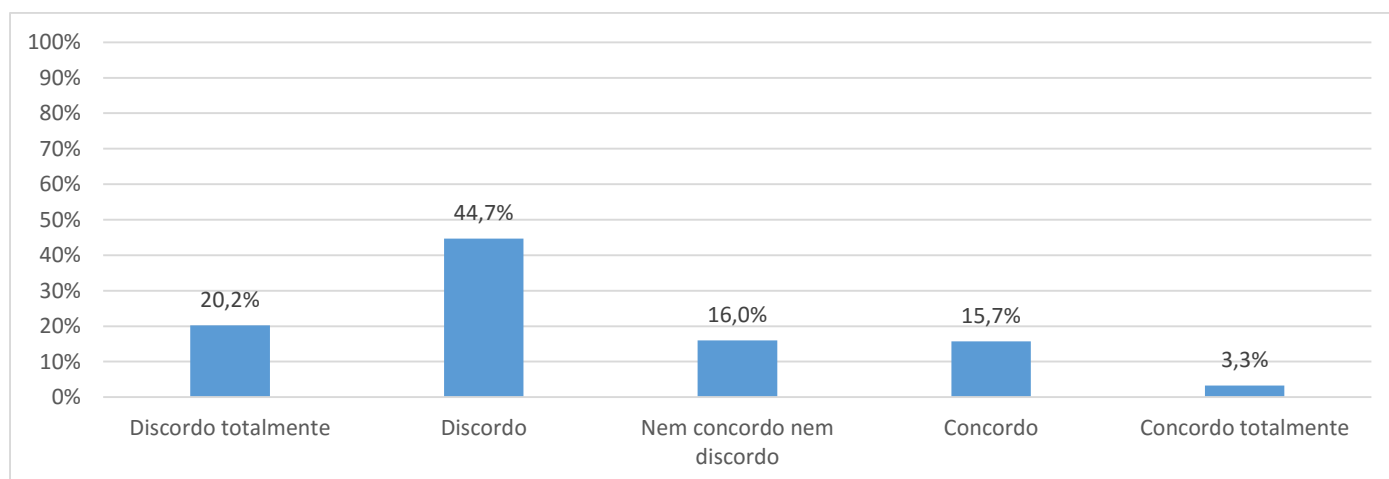
Figura 69 - Apenas as pessoas que trabalham para empresas de media reconhecidas são realmente jornalistas



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1220). Edição: OberCom

Por conseguinte, são maioritários aqueles que discordam de que um qualquer individuo “que aplique as práticas, técnicas e saberes do jornalismo” deve ser tido como jornalista. Assim, pode-se quantificar em 64,9% os discordantes, ao passo que não vão além dos 19% os que assumem concordância nesta questão em particular (média=2,4; DP=1,1).

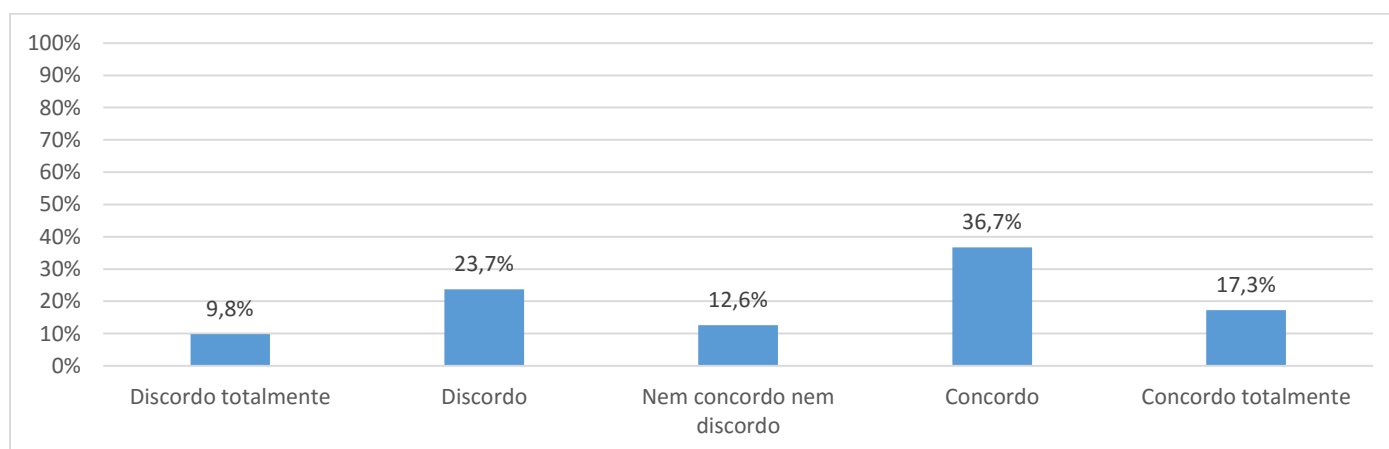
Figura 70 - Qualquer pessoa que aplique as práticas, técnicas e saberes do jornalismo deve ser considerada jornalista



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1216). Edição: OberCom

Para 54% dos inquiridos a formação superior não é fundamental para o bom desempenho das funções e responsabilidades que o jornalismo exige. É uma profissão que exige, isso sim, formação e experiência adequada (média=3,3; DP=1,3).

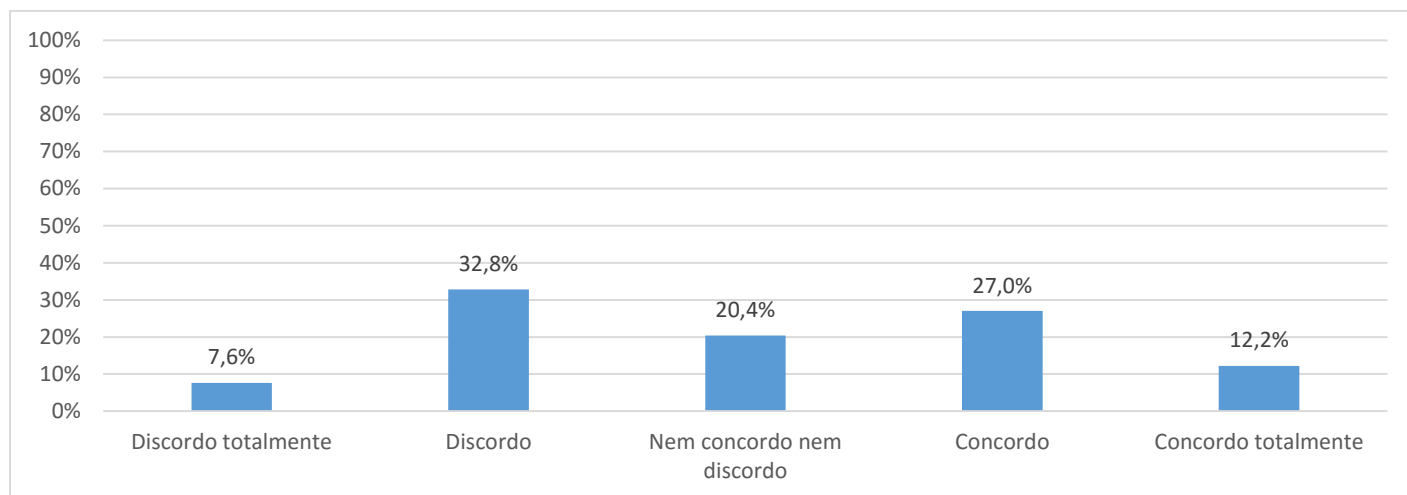
Figura 71 - O jornalismo é uma profissão que deve exigir formação e experiência, mas não educação superior específica em jornalismo



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1219). Edição: OberCom

Curiosamente existe uma maior proporção de inquiridos que discorda (40,4%), comparativamente aos 39,2% que concorda com a premissa que afirma que "o jornalismo é uma atividade baseada num corpo teórico e comportamento profissional que exige formação universitária específica" (média=3,0; DP=1,2).

Figura 72 - O jornalismo é uma atividade baseada num corpo teórico e comportamento profissional que exige formação universitária específica



Fonte: Inquérito aos Jornalistas CIES-IUL/SJ 2016 (n=1217). Edição: OberCom



OberCom
INVESTIGAÇÃO E SABER EM COMUNICAÇÃO

Observatório da Comunicação
Palácio Foz - Praça dos Restauradores
1250-187 Lisboa
Portugal

www.obercom.pt
obercom@obercom.pt

Tel.: +351 213 221 319
Fax.: +351 213 221 320

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Jornalistas e Condições Laborais: Retrato de uma Profissão em Transformação.

DATA DA EDIÇÃO

Fevereiro de 2017

FONTE

Os Jornalistas Portugueses são bem Pagos? – Inquérito às condições laborais dos jornalistas em Portugal.

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Gustavo Cardoso
Sandro Mendonça

AUTORIA

Miguel Crespo
Joana Azevedo
João Sousa
Gustavo Cardoso
Miguel Paisana

ISSN

2182-6722



Este trabalho está licenciado para
Creative Commons Attribution 4.0
International (CC BY 4.0).

